CMP 1.2.2.95-1

EX-LIBRIS
O ESTADO DE S PAULO

suplemento literário

São Paulo, 2/5/71. Ano 15 Nº 718

Letras anglo-americanas

Da motocicleta

símbolo de violência ou de êxtase dionisíaco

Willy Lewin

Fala-nos alguém de uma declaração do controvertido filósoto Herbert Marcuse, em meio à qual se referira à motocicleta, definindo-a como "um veículo fascista" (sic).

A frase surpreende à primeira vista, dando a impressão de visar, apenas, ao impacto "jornalístico" — no sentido mais superficial do têrmo — "môlho", diga-se de passagem, a que recorre com alguma frequência o professor universitário germano-americano.

Verifica-se, no entanto, que o mito moderno da motocicleta passou a associar-se, notadamente desde a década dos anos cinquenta, ao culto da violência e da delinquência juvenis, consubstânciadas, por exemplo, no filme "Rebeldes sem Causa" estrelado por Marlon Brando e recentemente "reeditado", com espírito e motivações mais atuais, em "Easy Rider".

Motocicleta/ Violência. Há algo de verdadeiro na afirmação de que a violência gratuita, fim em si mesma — hoje igualmente cultivada e cultuada por jovens minorias da esquerda radical — é uma manifestação de raízes "fascistas", e isso desde os precursores intelectuais e literários do ideário mussolínico, como foram os Futuristas, sob a chefia de Marinetti ("A guerra é a higiene do mundo", etc.). É provável que nem todos saibam que os violentos *Hell's Agels*, nos EUA, usam a cruz suástica como símbolo do grupo.

Isto pôsto, deixemos à margem as especulações político-ideológicas e abordemos diretamente o nosso tema, que se condensa no próprio título dêste artigo.

Num "ensaio" publicado em número ainda recente (8.2.71) da revista *Time*, Robert Hughes procura "reabilitar" a motocicleta, transformando-a em instrumento capaz de estimular outro amplo sentido de "liberdade", já agora, ao invés de anárquicamente destrutiva, bucólico-humanística, se assim nos podemos expressar. Ao contrário do automóvel — diz o articulista citado — a moto estende o seu possuidor ao meio-ambiente, alertando-lhe os sentidos. Tudo quanto acontece na estrada e no ar — as curvas da rodovia, a abertura e o estreitamento dos espaços, o frio e o calor, os odores, os ruídos e os silêncios — é absorvido pelo motociclista que mergulha num estado de consciência aguçada, jamais sentido pelo motorista que se encerra numa "caixa" de vidros, pára-brisas e divisões acolchoadas. Trata-se de "uma experiência total," e Robert Hughes recorda a frase de Leonardo da Vinci: "*Si tu sarai solo, tu sarai tutto tuo*".

Depois dêste "poema" do articulista de *Time*, é tempo de mencionar poetas da motocicleta, sem dúvida maiores, se bem que — talvez por isso mesmo mais "duros". Por exemplo, o poeta inglês Thom Gunn, cantor dos já antigos *beats* e do ora "resuscitado" cantor de rock, Elvis Presley. Em Thom Gunn, no poema *On the Move*, a motocicleta continua associada aos impulsos de violência grutuita:

"*Êles se movem com uma violência incerta,*
Ei-los que vêm ao longo da estrada, em motocicletas.
Pequenos, sombrios como se fôssem môscas
enxameando no ar quente.

Ei-los, os jovens, e até que a distância os projete para a frente,

O zumbido de suas máquinas se transforma em trovão

Explodem; as cidades que atravessam não servem de abrigo
Nem aos pássaros nem à santidade..."

Marcel Hicter, Assessor Geral para Assuntos da Juventude e do Lazer, do Ministério de Cultura da Bélgica, em artigo públicado no *Correio* da UNESCO, tenta explicar o moderno fenômeno da juventude "colérica", através das teorias de Marshall McLuhan. E conclui que, com o advento da "tecnologia eletrônica" de comunicações de massa, "estamos deixando a idade da razão" (sic).

No plano da poesia (de poema, de prosa ou visual) o "irracionalismo" — ou o "desregramento de todos os sentidos" (cf. Rimbaud) — constitui marca essencialmente surrealista. Isso nos conduz ao romance de André Pieyre de Mandiargues que tem por título — e como "personagem" central — precisamente a motocicleta: *La Motocyclette* (Gallimard, Paris, 1963).

Prefaciando, anos atrás uma coletânea de contos de Michel Béalu — outro "onírico" egresso do Surrealismo — Mandiargues escreveu:

"Tentamos criar a noite em nós para oferecer ao pensamento uma zona de sombra, em que êle possa divagar livremente. Colhemos os farrapos de sonho deixados na memória. Mergulhamos no sonho tão remota e profundamente quanto possível".

Trata-se de suscitar uma certa atmosfera, um certo "tom" que se situe a meio-caminho do humor "negro" e da "crueldade" literária.

Há como que um "sadismo" sublimado em André Pieyre de Mandiargues de natureza trágica e, principalmente, erótica, sem que jamais esta última expressão abandone o clima, ou "país", da poesia, para oferecer-se despudoradamente "desnuda", como sucede com os modernos cultores do obsceno. Vale dizer, por conseguinte, que a literatura de Mandiargues exibe, muitas vêzes, uma nota "perversa", na acepção — ainda estética (ou romântica) — de um Villiers de L'Isle-Adam. Uma sensação indizível, mas envolvente, de "pânico" se desprende das coisas, dos objetos, dos gestos das pessoas — de tudo, enfim, quanto se origina de dados reais e, pouco a pouco, se dissolve nas "zonas de sombras".

E aqui recordamos o trecho final de *La Motocyclette*, quando Rebecca, moderna amazona de óculo Ray-Ban, jaqueta de couro negro sôbre o corpo quase adolescente, cavalgando a tonitruante Harley- D. Avidson, se lança em busca do amante — e da morte.

Eis a passagem que encerra o livro:

"Num reflexo imediato, Rebecca fecha o acelerador, "cortando" a gasolina, e se curva sôbre o guidom, enquanto afunda o freio de pé e aperta o freio manual. Reduzindo a velocidade, talvez conseguisse passar pelo estreito intervalo aberto entre o caminhão e a camioneta, mas uma imensa mancha de óleo, que provém do carter fendido da viatura americana, cobre nesse lugar o cimento da pista. A traseira verde é como se fôsse um muro que se precipitasse contra ela, a cento e trinta quilômetros por hora. O Baco (marca de uma fábrica de cerveja. N.do R.) coroado de espinhos, ao invés dos pâmpanos, tradicionais, enche todo o campo visual de Rebecca. "O Universo é Dionisíaco" — pensa ela com uma persuasão profunda, enquanto milhares de lâminas a dilaceram, parecendo formar uma única chaga, por onde seu amante nela se integra. Um rosto desmesuradamente sorridente vai devorá-la (e a contempla com uma alegria infinita que é, ao mesmo tempo, uma tristeza sem limites): um rosto humano, ou sôbre-humano, o último — talvez a verdadeira face do universo".

Através de sua obra poética e romanesca, André Pieyre de Mandiargues se ergue contra a realidade "diurna". Tenta medir, avaliar — qual um nôvo Novalis, de quem aprendeu ("Dionisiacamente") que a vida é uma febre, uma paixão, "uma enfermidade do espírito" — as potências exaltantes da Noite.

Universos infinitos e estruturas finitas – I

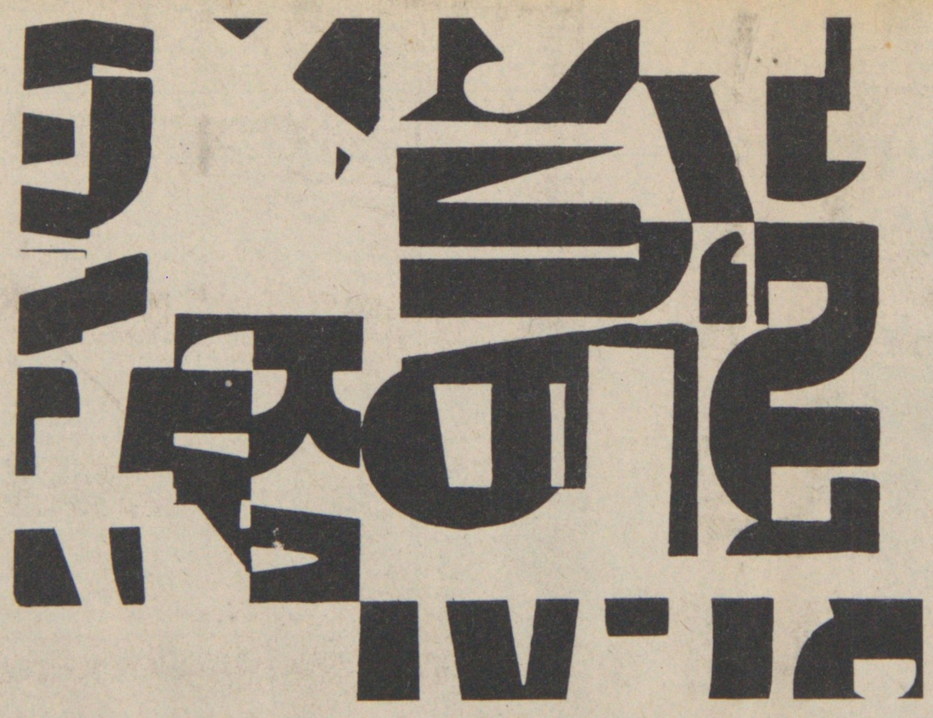
Maria Tereza Biderman

Entre as grandes tendências da linguística contemporânea está a estatística linguística, ou como preferem outros dizer matemática linguística, incluindo outros campos além dos cálculos probabilísticos no domínio das línguas. Nesse terreno muitos trabalhos têm sido desenvolvidos sôbre as línguas mais diversas e exóticas nesses últimos dez anos, tendo lugar de destaque as pesquisas desenvolvidas sôbre as línguas românicas. Uma das mais notáveis, sem dúvida, é a coleção dirigida pelo Prof. A. Juilland (Stanford University) "The Romance Languages and Their Structures". A série inicial da coleção consta dos dicionários de frequência das seguintes línguas: espanhol, romeno, francês, italiano e português. Já publicados: *Frequency Dictionary of Spanish Words* (1), *Frequency Dictionary of Rumanian Words* (2), *Frequency Dictionary of French Words* (3). Está sendo editado no momento o *Frequency Dictionary of Italian Words* (Traversa e A. Juilland) e está pronto para a publicação o *Frequency Dictionary of Portuguese Words* (J. Duncan).

Apesar de já existirem várias listas de frequência vocabular para algumas línguas particularmente francês e espanhol, o objetivo do diretor da coleção, ao iniciar essa imensa tarefa, foi estabelecer uma base para investigações comparativas das estruturas das 5 maiores línguas românicas. Como bem enfatiza êle, na introdução do dicionário do espanhol (o primeiro), as listas anteriores tinham objetivos quase exclusivamente didáticos de caráter um tanto elementar. Por outro lado, vocabulários básicos geralmente têm objetivos pragmáticos e limitados: glossários para turistas ou estrangeiros, glossários técnicos, etc. Para investigações mais avançadas sôbre a estrutura dos vocabulários da morfo-sintaxe dessas línguas, aquelas listas não eram satisfatórias. Além disso, para um estudo comparativo os trabalhos existentes sôbre frequência vocabular não serviam, por serem baseados em critérios dissemelhantes e realizados através de técnicas muito diversas. Na presente coleção os critérios de organização dos corpus foram sempre os mesmos, assim como o processamento eletrônico dos dados vocabulares, executado no centro de computação da Stanford University.

Façamos uma breve descrição dos dicionários, para apreciá-los em uma segunda etapa. Todos êles contam com uma ampla introdução. Aí se explica como foi feita a amostragem para a constituição do corpus, quais os códigos adotados e o seu porquê; passam-se em revista problemas de segmentação vocabular no contexto e de identificação de unidades no sistema linguístico; analisam-se, enfim, os resultados estatísticos obtidos. A análise dos dados estatísticos bastante técnica como seria de esperar, acompanha-se de abundantes gráficos, ilustrando-se assim, visualmente, a estrutura vocabular da língua em questão, segundo os dados fornecidos por essa amostragem.

Ao empreender semelhante trabalho, os autores acreditavam que, na infinidade dos discursos humanos, amostras devidamente selecionadas podem representar, com relativa fidelidade o universo das infinitas realizações possíveis nessa língua. A ciência estatística forneceu-lhes técnicas para analisarem micròscopicamente uma pequena lâmina, a fim de inferir daí conclusões grosseiramente validas para o universo global. A amostragem considerou apenas as realizações escritas, não as orais, evidentemente muitíssimo mais numerosas. Segundo cálculos aproximados reportados por John Carrol, uma pessoa, não excessivamente falante, pode enunciar bilhões de palavras durante sua vida. Um estudante assistindo aulas regularmente, mantendo conversas mais ou menos frequentes com colegas, pode ouvir 100.000 palavras em um dia. Se ler vagarosamente lerá uma média de 300 palavras por minuto, ou seja, pode cobrir 90.000 palavras por dia. Estaria pois, exposto a uns 750 milhões de palavras por ano, o que é evidentemente um bombardeamento linguístico brutal. Quanto à linguagem escrita, um escritor profissional escrevendo, em média, 2.000 palavras por dia, pode atualizar 730.000 palavras por ano.



Tais dados pretendem evidenciar apenas que, para haver correspondência biunívoca entre fala e linguagem escrita, seriam necessárias corpus espantosamente gigantescos de realizações escritas para representar uma língua, tendo-se em conta os dados infinitos da comunicação oral. Por certo, tal corpus seria inalisável por sêres humanos, ainda que se contasse com a mais recente geração dos gigantescos cérebros IBM, como foi o caso dos dicionários de frequência das línguas românicas, processados no centro computacional de Stanford. A menos que se venha a descobrir maneiras de fazer limites computador "compreender" a linguagem humana, o que é impensável no estado atual da linguística computacional. Ainda assim, de que tamanho de memória deveria ser dotado tal computador para engolir um infinito de palavras e analisá-las para o homem? Também outras técnicas deveriam ser inventadas como ensinar o computador a "ler" as mensagens, sem passar pela intermediária etapa da perfuração de cartões, ou fitas magnéticas, penoso trabalho humano, no estágio atual das ciências computacionais. Assim, o enorme esfôrço de analisar e enfrentar cêrca de 500.000 palavras aproximadamente em cada língua romântica foi o máximo de que se foi capaz até agora e essa amostra pode ser a molécula inicial para a inferência da composição estrutural do universo global, situado muito além da nossa capacidade de análise e de compreensão.

O corpus total de cada língua consta de 5 subamostras: 1) literatura dramática; 2) ficção (romances e contos); 3) prosa (ensaios, memórias, correspondência etc); 4) periódicos (jornais, hebdomadários e revistas); 5) literatura técnica e científica. A seleção dêsse corpus foi feita utilizando-se tabelas de números aleatórios (*Tables of Random Sampling Numbers*). Garantia-se assim a não interferência de dados subjetivos na seleção do corpus. Não se eliminavam apenas, por impossível, as distorções provaveis introduzidas por ação do acaso. O corpus de cada língua compõe-se aproximadamente de 20 a 25 mil sentenças num total de 500 mil palavras, sendo que cada mundo semântico particular (peças, romance etc.) concorreu com cêrca de 100 mil palavras. No caso da literatura jornalística tôdas as seções contribuíram: editoriais, notícias, crônicas, propaganda etc. Pode-se, pois, afirmar que corpus são satisfatòriamente representativos para cada língua em questão. Quanto às línguas: no caso do Espanhol e do Português optou-se pelas variantes européias de Espanha e Portugal, para garantir a homogeneidade de amostra e evitar interferência de dados dialetais dêsse ponto de vista.

Não interessa aqui discutir as técnicas estatísticas e o processamento de dados em computador. Consideremos apenas os resultados exibidos pelos dicionários. O corpo principal dos dicionários consta de duas partes: 1) vocábulos e suas ocorrências em cada um dos cinco mundos semânticos que compuserem o corpus com seus coeficientes respectivos: a) de uso; b) de dispersão; c) frequência total absoluta; 2) lista dos vocábulos em ordem decrescente segundo êsses três coeficientes básicos: o uso, a frequência, a dispersão. Quanto à frequência provàvelmente não há dificuldade de compreensão; expliquemos o que os autores entendem por uso e por dispersão.

Comecemos pela última. Se olharmos para a frequência absoluta das palvras, por exemplo, *o* (art.) 27.863 *você* 183, *teoria* 30, tais dados não representam grande coisa, a não ser que o artigo tem uma altíssima frequência na língua portuguêsa, se comparado com êsse pronome pessoal, ou com aquêle substantivo. Mas se considerarmos a sua distribuição pelas diferentes partes do corpus, isto é, a sua dispersão, aprenderemos mais coisas sôbre a posição relativa dêsses lexemas na estrutura do português. Assim:

	peças	ficção	prosa	periódico	ciência	tecnologia
o	3214	5650	6191	6839	5969	0.8886
teoria	0	1	10	5	14	0.5559
você	158	25	0	0	0	0.1603

Cada coluna indica cada um dos cinco tipos de literatura que compõem o corpus conforme explicação dada anteriormente. A sexta coluna contém o índice de dispersão da palavra ao longo dêsse corpus. Os números absolutos que aí aparecem em cada coluna já mostram mais ou menos claramente que *você* é palavra exclusiva da comunicação oral, pois não aparece em literatura ensaística, jornalística ou científica. E que *teoria*, rara em ficção, não tem nenhuma probabilidade de aparecer no diálogo, se a amostra fôr aleatória. Ao passo que o artigo exibe a sua característica de palavra essencial da estrutura linguística do português: alta frequência nas cinco categorias. Contudo, o índice de dispersão evidencia mais claramente tais fatos. Considerando que o valor máximo da dispersão é 1 quando a palavra aparece com distribuição absolutamente equitativa em cada uma das categorias e zero o inverso, isto é, acúmulo de tôdas as frequencias em uma única classe, segue-se que *você* está bem próximo de zero enquanto *o* tende a 1. Ambos, pois, situam-se em 2 limites opostos da estrutura da língua: a primeira especializando-se exclusivamente em um determinado compartimento da língua — a comunicação oral — ao passo que a outra tem caráter universal, invadindo todos os planos de que ela se compõe. Isso pode soar estranho sobretudo porque para muitos, *você* poderá parecer uma palavra importantíssima da língua, de uso diário e frequente ao nível da comunicação oral. É claro que se o corpus fôsse composto exclusivamente de realizações orais a sua frequência absoluta e a sua dispersão seriam diferentes. Está claro também que, para uma grande maioria dos falantes de língua portuguêsa, a comunicação oral é avassalante, se não exclusiva, na sua experiência individual. Mas os dicionários procuraram refletir a estrutura da língua ao nível da comunicação escrita.

Quanto ao outro índice — o de uso — êle foi introduzido para corrigir possíveis desvios não evidenciados pelo coeficiente de dispersão. Em francês, por exemplo, uma palavra como *ecclesiastique* tem um alto índice de dispersão, aparecendo em tôdas as subamostras com frequências relativamente iguais. O mesmo ocorre com *legitimar* em português. Entretanto, se forem combinados os índices de dispersão com a frequência, pode-se obter um novo índice mais representativo da situação da palavra dentro da estrutura léxica da língua em questão. Juilland calcula-o através de uma fórmula muito simples: U F x D/10 em que F representa a frequência absoluta e D o coeficiente de dispersão. Êsse índice de uso de que é afetado cada vocábulo no dicionário pode indicar-nos quais são realmente as palavras de maior importância na língua, com relação à norma imperante numa comunidade linguística numa determinada etapa da sua história. No caso dêsses dicionários, na faixa cronológica 1920 — 1940. Claro está que tais índices de uso podem variar se o corte sincrônico da língua que se analisa fôr, por exemplo, o período compreendido entre 1950 — 1970. Apenas para ilustrar no caso do português. Comparando-se as duas listas hierárquicas das 100 palavras mais usuais da língua portuguêsa e das 100 palavras mais frequentes nesse corpus só há 7 discrepâncias: *pois, outra, hora, terra, certo, maior, muito, proprio*. Pode-se pois, dizer que as 100 palavras mais freqüentes da língua são as mais úteis para o seu ensino em nível elementar, por exemplo (alfabetização de adultos) e ensino da língua a estrangeiros. So para ilustrar vamos dar as duas listas paralelas das 10 palavras que ensinam as listas de frequência e de uso em português:

	frequência	uso
o (art.)	1	1
o (art.)	2	2
a (art.)	3	3
de (prep.)	4	4
êle	5	7
ela	6	4
que (pron.)	7	6
ser	8	8
a (prep.)	9	9
que (conj.)	10	11

Até a ordem 100, porém, grosso modo, as palavras apenas trocam de lugar nessas duas listas, permanecendo as mesmas.

Êsse coeficiente de uso oferece o interêsse particular de evidenciar a verdadeira situação da palavra no código mental dos falantes da língua. Uma palavra mais frequente numa amostra pode sê-lo por razões devidas ao acaso. O coeficiente de uso corrige a distorção. Uma palavra mais frequente mas com coeficiente de uso menor na hierarquia estrutural do lexico, situa-se abaixo de outra menos frequente mas com coeficiente de uso mais alto.

Resultados muito curiosos revelados por êsses dicionários dizem respeito à altíssima redundância vocabular de que se compõe a comunicação humana. Exemplifiquemos com os dicionários do francês, do espanhol e do português.

Das 462.134 ocorrências de que se compunha o corpus total do francês 232.563 eram ocorrências de 36 vocábulos diferentes e 229.571 eram ocorrências dos restantes 4.964 perfazendo um total de 5.000 vocábulos diferentes num total de 500.000 palavras. Portanto, em todo o corpus a distribuição foi a seguinte:

50% das ocorrências correspondiam a 1% do lexico francês

50% das ocorrências correspondiam a 99% do lexico francês

Mostrando os fatos sob uma luz diferente: em português a frequência média das 29 palavras mais frequentes da língua é de 6.344,55, ao passo que os demais 4.971 vocábulos apresentaram uma frequência média de 37,49. Ou ainda: em espanhol dum total de 5.024 vocábulos diferentes (corpus global mais ou menos: 500.000 ocorrências) o coeficiente mais alto de uso é de 30.526,45 para a preposição *de*, ao passo que 155 palavras diferentes apresentaram um índice de uso 3,08 (índice mais baixo).

Em suma, frequência e redundância são dois aspectos diferentes do mesmo fenômeno no ato da comunicação linguística. A alta frequência de um reduzido número de palavras possibilita a apreensão da mensagem pelo destinatário, mesmo quando o seu interlocutor ou o autor introduzem vocábulos diferentes, desconhecidos até então do seu universo linguístico. A redundância funciona como uma chave que abre tôdas as portas. Ela é essencial na mensagem para a decifração das incógnitas que são intuídas pelo destinatário através da percentagem da mensagem que êle compreende. Lembre-se ainda que nós esquecemos com frequência, que a nossa atenção é inconstante, outras tantas razões para justificar a alta redundância de todo e qualquer discurso humano. Os números mencionados acima falam eloquentemente dêsses fenômenos em funcionamento em francês, português e espanhol. Tais fatos, porém, se verificaram também para o italiano, o romeno e muitas outras línguas.

1 A. Juilland e E. Chang Rodriguez — *Frequency Dictionary of Spanish Words*. Mouton, The Hague, 1964
2 Juilland, P M H. Edwards e I. Juilland — *Frequency Dictionary of Rumanian Words*. Mouton, The Hague, 1965
3 A. Juilland, C. Davidovitch e D. Brodin — *Frequency Dictionary of French Words*. Mouton, The Hague, 1970
4 *Language and Thought*. Englewood Cliffs, Prentice Hall, 1964, p 2

Resenha bibliográfica

Coletânea de estudos literários

TÍTULO: Estudos Literários. Rio, Livraria José Olímpio Editôra em colaboração com o Fundo Estadual de Cultura de S. Paulo. 1971 (565 págs).

AUTOR: M. Cavalcanti Proença (1905-1966), uma das figuras mais representativas da intelectualidade brasileira, e cujo dinamismo construtivo se exerceu em várias áreas, sem esmorecimentos, nem dispersão: na área militar (faleceu como general reformado); na do magistério (foi professor de Português e de Literatura na Academia Militar das Agulhas Negras); em funções administrativas; na área da ficção (escreveu dois livros de contos, *Uniforme de Gala* e *O Alferes*); na da crítica literária (com uma vasta produção de análise literária que abrange autores brasileiros de ontem e de hoje e onde, entre outros, se incluem os excelentes: *Roteiro de Macunaíma* e *Trilhas no Grande Sertão*; e um percuciente estudo crítico de textos de nossa literatura de cordel publicado pela "Casa de Rui Barbosa"); na área da investigação teorizadora (principalmente com relação ao fenômeno poético).

ASSUNTO: Coletânea de estudos literários realizados através dos anos e dispersos em jornais, revistas ou prefácios e introduções a livros já esgotados. Segundo o critério adotado por A. H. (seu organizador e prefaciador), foram êles agrupados pela cronologia dos autores e obras tratadas. Matias Aires; T.A. Gonzaga; Coelho Neto; Alencar; Lima Barreto; Mário de Andrade; Machado de Assis; Jorge Amado; Marques Rebelo; Lúcio Cardoso; Guimarães Rosa... são alguns dentre os trinta e quatro escritores brasileiros, cujas obras foram focalizadas nestes estudos por C. Proença, resultando o conjunto, numa visão panorâmica da história externa e interna da nossa literatura do século XVIII aos tempos presentes. Completa a coletânea, um pormenorizado Índice Onomástico que facilita a consulta.

APRECIAÇÃO: Embora tenham sido resultantes das mais variadas circunstâncias ou objetivos, e assim apresentem também variados níveis de abordagem analítica, os estudos de Cavalcanti Proença, ora reunidos nesta coletânea têm o mérito das produções oriundas dos grandes espíritos: todos êles estão impregnados de valôres autênticos e fecundantes. Ou melhor, todos êles, em maior ou menor grau, não só abrem caminho para maior compreensão do assunto em foco, como provocam a reflexão e a curiosidade do leitor para outros campos.

Assim, desde estudos analíticos "microscópios", em que o texto é exaustiva e pormenorizadamente sondado (como o estudo do simile e o confronto de textos de *Iracema* de Alencar), até breves recensões (como a de *Explorações no tempo* de Ciro dos Anjos) todos os títulos selecionados para êste volume (e que estão longe de esgotar o enorme acervo deixado pelo autor) oferecem um rico material para o conhecimento das mais variadas facetas do que se fêz e se faz em nossa literatura. E mais, um conhecimento que abre caminho para a reflexão, pois Cavalcanti Proença não usava a palavra em vão. Sua abordagem das obras, fôsse profunda ou superficial, dependendo dos objetivos, nunca era gratuita ou inconsequente. Carregava sempre algo de essencial e fecundo.

Grande conhecedor de filologia, Cavalcanti Proença, via de regra, centralizava o interêsse de sua crítica na linguagem que constrói as obras. Porém essa preocupação linguística e o rigor científico que se impunha não anulavam o calor humano com que êle se debruçava sôbre a literatura em busca de sua significação e de suas razões de ser.

Concluindo: Êstes *Estudos Literários*, reunindo em volume o que jazia disperso em jornais ou revistas; ou ainda em livros esgotados, preservou da ação aniquiladora do tempo um precioso material que se oferece como fonte de consulta a todos aquêles que se interessam pela literatura do Brasil de ontem e de hoje.

Nelly Novaes Coelho

O povo judeu

TÍTULO: Os Judeus no Egito Helenístico. Assis, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis-Difusão Européia do Livro, 1971, 154 páginas.

AUTOR: Jaime Pinsky, Doutor em História pela Universidade de São Paulo. Professor de História Antiga da F.F.C.L. de Assis. Especialista em História dos Judeus, e História Helenística.

ASSUNTO: "Os Judeus no Egito Helenístico", está dividido em três capítulos: o primeiro estuda a Diáspora Judaica através das motivações internas e externas que levaram os judeus a abandonar sua terra. O segundo capítulo apresenta aspectos do Egito Lágida e o terceiro mostra a atuação do judeu egípcio dentro do contexto em que estava inserido.

Iniciando o primeiro capítulo o autor conceitua a palavra "Diáspora" e propõe a seguinte problemática: "por que teria havido a Diáspora, por que teriam os judeus saído da Palestina para se localizar em outros sítios?"... (p. 15). Na procura da resposta para questão tão importante, analisa alguns aspectos geopolíticos da Palestina e dá ênfase especial à localização estratégica desta região "ponto de junção dos continentes africanos e asiáticos e costa voltada para o Mediterrâneo," (p.16). Salienta a importância dessa região para as rotas comerciais o que leva as grandes civilizações da época a disputarem o seu domínio. As condições internas são também objeto de estudo, economia baseada na agricultura, que, por sua vez, estêve sempre prejudicada pela escassez de chuva e também pela instabilidade política.

Contestando autores como Renan e Guignebert, o Autor faz um retrospecto das várias etapas da emigração do povo judeu. Mostra a maior importância que, de início, apresenta a Diáspora Babilônica em relação à Egípcia e afirma que o móvel da dispersão tanto de uma como de outra não foi a desproporção entre a terra e a população mas antes o desaparecimento do Estado Nacional "devido a tôda aquela conjuntura internacional que impedia o pequeno reino de subsistir" (p.32). Ainda no primeiro capítulo encontramos um apanhado da Época Helenística "para localizar convenientemente os sucessos que iriam abalar a vida da Nação Judia de modo irreversível". (p.33).

Sempre defendendo sua tese, demonstra o autor que após a morte de Alexandre, a Palestina continua a ser região de disputa, agora entre Seleucidas e Lágidas. Alexandria vai tornar-se a comunidade mais importante fora da Palestina devido a grande emigração de Judeus para o Egito, fato êsse que vai afetar a política interna da pequena nação.

A seguir o autor descreve "os movimentos migratórios que fizeram os judeus se espalharem pelo mundo da época" (p.48) e conclui explicando a diáspora "a partir da situação específica existente na pequena nação judaica, fruto do choque de interêsses mundiais e das contradições internas despertadas por êsse processo" (p.55).

No segundo capítulo, o autor passa ao estudo do Egito Helenístico. Êste estudo se inicia com alguns elementos biográficos de Alexandre e a seguir com uma análise das motivações da conquista. Depois de comentar a opinião de autores como Weigall e Lévêque a êsse respeito, o autor coloca a sua posição a partir de ponderações sôbre a crise do século IV na Grécia, pois a seu ver "na base da atuação de Alexandre iremos encontrar uma Grécia que não era mais aquela do século V...(p.60). "A crise só poderia ser resolvida na própria Grécia, como o rompimento da estrutura já que um reerguimento da já existente era impraticável"...(p.61). No capítulo "O Egito Helenístico", fica bem claro que Alexandre vem representar para os gregos até certo ponto a solução da crise em que se debatem na medida em que abre caminhos para o êxodo. Assim colocado o problema o autor afirma: "não negamos a intensão da Grécia do Sec. IV em helenizar o Oriente. Apenas pretendemos desmistificar o conceito de helenização do Oriente, na medida em que esta não será tomada como uma teórica e genérica transmissão de cultura, mas como ação visando estabelecer no Oriente, condições que o cidadão grego tinha gozado no Sec. V e que não mais dispunha; em outras palavras, o ressurgimento da polis" (p.68).

Prosseguindo no estudo do Egito Helenístico o autor discorre sôbre a divisão do Império de Alexandre, a atuação dos Ptolomeus, deixando clara a situação de Alexandria que nesse período passa a ser o centro econômico, social e cultural "cidade grega rediviva no delta do Nilo" (p.72). O comércio passa a ter seu centro não mais em Atenas, mas na "polis" egípcia. A Sociedade Lágida é encarada como uma "...sociedade colonial, com sobre posição dos invasores macedonios ou gregos aos indígenas"...(p.84).

Depois da análise das motivações para a saída dos judeus de sua terra e de verificar as características sócio-econômicas do Egito Helenístico o autor passa, no terceiro capítulo, ao estudo dos "Judeus em Alexandria".

De início propõe as seguintes indagações: Quem era o judeu que se estabeleceu no Egito? Qual o papel que desempenhou a partir de suas ligações com os meios de produção? (p. 97) Para explicar a atuação social e cultural dos judeus no Egito Helenístico, desenvolve um estudo sôbre as suas atividades econômicas, contestando vários autores que, ora os colocam ligados sempre ao comércio, ora empenham-se em mostrar o caráter exclusivamente agrícola do povo judeu. Procura demonstrar que "... os judeus vão, no decorrer do período Lágida, sendo levados a participar de atividades que interessam à estrutura vigente... Existem vazios situados entre dominadores e dominados, entre super e infra-estrutura. Êles tinham que ser preenchidos. Os judeus foram solicitados para isso" (p. 103)

Quanto à organização política da comunidade judaica no Egito Helenístico o autor mostra a diversidade de posições e mesmo os choques internos existentes e vê as liberdades concedidas pelos dominadores como parte de sua política de manter estrutura tal qual estava. Assim, Jaime Pinsky, depois de situar o judeu dentro do sistema de produção do reino lágida, analisa as diversas etapas de relacionamento dentre dominados e dominadores.

No período romano a situação sofre alterações pois "Roma substitui as tropas lágidas por suas legiões e os coletores passam a ser, quase exclusivamente, gregos... passou a haver também um novo conceito de cidadania" (p. 116) Contra essas mudanças o judeu, principalmente o rico judeu vai reagir e dá início às lutas que naturalmente não contam com o apoio dos gregos. Concluindo o autor deixa claro que um "estudo dos judeus no período helenístico não pode ser feito apenas a partir de sua religião, de sua ideologia e de suas posições políticas" (p. 121) isto porque não se pode deixar de lado o relacionamento que mantinham como os meios de produção.

O autor desenvolve seu estudo até 414 quando "Ayril, Bispo de Alexandria, expulsa da cidade os judeus, pondo fim a uma sequência de 700 anos que, a grosso modo, podemos definir como judaismo helênico" (p. 130).

Ainda no terceiro capítulo o autor faz uma apreciação da "vida cultural" dos judeus egípcios no período helenístico. A literatura judaica é apresentada procurando salientar as influências que as modificações de ordem sócio-econômica acarretam sôbre o tipo de material redigido. Quanto à filosofia helenística, o autor faz referências importantes sôbre Filão cuja obra situa como fruto "... de um processo de identificação que os judeus da classe mais alta vinham tendo com relação ao pensamento da classe dominante, ou seja, o helenismo" (p. 140) A respeito da religião o autor afirma que, "se os privilégios de ordem religiosa são decorrência do particularismo da religião judaica, foram também fruto da estrutura sócio-econômica instalada no Egito pelos lágidas" (p.141)

Finalizando seu trabalho, o autor coloca o problema de "proselitismo judaico" "não apenas como fruto de prescrição religiosa mas também como parte da luta pelos direitos civis, no Egito" (p. 143).

APRECIAÇÃO:- Situando seu estudo na época helenística, Jaime Pinsky, desenvolve uma problemática de extrema importância. Como diz José Honório Rodrigues: "A Segunda Guerra Mundial precipitou, ao menos para os historiadores, a inversão total da antiquada teoria de que o valor da História estava em habilitar os homens a conduzir melhor seus problemas pela lição dos erros do passado: muitos historiadores sentiram, ao contrário, entre 1939 e 1945, que o principal valor de sua participação no presente era o nôvo descortino que lhes dava na compreensão dos erros do passado. E como resultado descobriram que *Alexandre, o Grande*, e Júlio César eram muito mais relevantes para o mundo moderno que Luiz XIV, Napoleão e Bismarh..."

Também Ralph Marcus afirma: "A Cultura Helenística é considerada agora pela maioria dos estudiosos como um período em muitos aspectos mais interessante que a Época Clássica, sobretudo pela notável semelhança com a nossa"

O livro "Os Judeus no Egito Helenístico" estuda um período em que êste povo estêve em estreito contacto com as grandes civilizações do Oriente e também com a Europa representada por Gregos e Romanos.

As complexidades das relações sociais e econômicas do período helenístico são abordadas a partir de pesquisa metódica e dentro do maior rigor científico. O conceito tradicional de helenização do Oriente é desmistificado nesta obra e uma nova perspectiva na análise da questão é aberta.

O judeu é visto não apenas a partir de sua religião, ideologia e posição política, mas também e principalmente a partir de seu relacionamento com os meios de produção. A comunidade judaica é apresentada com tôdas as suas contradições internas. Assim podemos dizer que o livro "Os Judeus no Egito Helenístico" é uma obra realizada a partir de documentos e bibliografia valiosa que veio abrir novos horizontes para o estudo da época helenística.

O impacto do helenismo sôbre os judeus e a reação dêstes pode ser considerada parte das relações do Ocidente e Oriente na época.

Glacyra Lazzari Leite

A problemática da juventude

TÍTULO: — Juventude em Crise (De Sartre a Marcuse) — Prefácio de Paulo Bonavides. Bit Editôra. Rio. 1970. 229 págs.

AUTOR: — R. A. Amaral Vieira, autor de *In Repertório do Direito Brasileiro, Memoriais* e *Revolta de Nosso Tempo*.

ASSUNTO: — O assunto do livro, em epígrafe, constitui minucioso exame crítico — à luz da filosofia de Sartre e das contribuições de Marcuse — da problemática da juventude de nossos dias. Focalizando os antagonismos provocados por "gerações que o subdesenvolvimento adubou, primeiro com o ódio da injustiça e o protesto da espoliação, e a tecnologia conduziu depois ao paroxismo" (p.10).

Com recurso a uma avaliação que se propõe histórica, recorda-nos Amaral Vieira que os chamados movimentos de contestação e rebeldia não se circunscrevem aos países subdesenvolvidos ou as colônias africanas, mas se alastram por todos os quadrantes do planêta. Da indagação sôbre o comportamento dos jovens em correlação aos eventos do passado conclui que o movimento da juventude se enquadra no "contexto maior da crise da sociedade contemporânea", de que sobreleva a recusa a teses explicitamente reivindicativas e consequente posposição de objetivos políticos.

O exame do problema em suas raízes originais (duvidas quanto ao destino do homem e a inevitabilidade da morte que reduzem a nada o sentido dos valôres morais, dos princípios éticos, das aspirações de justiça) põe de manifesto que as duvidas persistem quando o homem assume o papel de sujeito e cria a ciência e a técnica. As interrogações multiplicam-se e dominam o espírito inquiridor: Qual a forma correta de viver e tomar decisões? Qual o sentido da vida? A religião, a filosofia e a ciência não tem bastado para dar resposta racional aos problemas existenciais e o homem, incapaz de resignar-se as inquietações que o afligem submerge no desespêro e na anarquia. Como a resposta racional é incorreta, sofística, o homem decai de si mesmo, torna-se presa facil da "rebeldia", sem conteúdo, a caminhar sem direção, à guerra, ao inimigo não identificado" (p. 33). Os dados proporcionados por reportagens, conferências e livros sôbre o problema da juventude permitem ao autor traçar um vivo quadro, em extensão e intensidade, dos movimentos contestadores e de rebelião dos jovens nos Estados Unidos, varios países da Europa, incluidas as áreas socialistas.

Uma parte do livro é reservada ao estudo do existencialismo sartriano e à obra contestadora de Marcuse.

Do ângulo da filosofia existencialista, busca o autor extrair inferências destinadas a explicar a descontormidade e rebeldia da juventude como fruto da "defalagem entre o desenvolvimento tecnologico e os parâmetros jurídicos e morais da sociedade atual (...) e adquire aspectos políticos quando se reflete como instrumento de luta dos estudantes" (pags. 111 e 114). Frente a um futuro interdito que impõe as exigências de um viver imediato e real, o espírito decai e transmuda-se em vacuidade, onde só há pouso para a desesperança e o desespêro.

O livro inclui um detalhado estudo de Marcuse sôbre a juventude americana, troca de cartas entre o General De Gaulle e Sartre, entrevista do filósofo francês à revista Le Nouvel Observateur e resposta do Ministro Edgar Faure, e ainda a integra do Relatório Meira Matos, onde são ressaltados os pontos críticos do sistema educacional que interferem com a política estudantil.

Eduardo Sucupira Filho.

Lançamentos

REVISTA

REVISTA DO LIVRO, nº 41, ano XIII, edição do Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1971, 148 páginas. — Artigos de Henriqueta Lisboa, Murilo Araújo, Edilberto Coutinho, Hélio Polvora, Fernando Sales e outros, e entrevistas com Clarice Lispector e Octavio de Faria, além de notas sôbre livros, revistas e jornais literários, constituem a matéria dêste número da revista cultural e informativa publicada pela acima referida divisão do Ministério de Educação e Cultura.

ÍNDICE CULTURAL DE VENEZUELA, nº 20, editada pela Oficina Central de Informacion de Caracas, 104 páginas. — Mais um número da publicação venezuelana, num original formato, se destina a apresentar resenhas das atividades literárias, musicais, teatrais, cinematográficas etc., daquele país irmão. Com sugestivas ilustrações e variado noticiário, é uma revista que preenche suas finalidades.

REVISTA DA F.F.F. nº 3, ano II, Franca, 168 páginas. — Mais um número da prestigiosa revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Franca, neste Estado, com colaborações de professôres e alunos daquela instituição. Do sumário salientam-se: "Introdução ao Estudo da obra de ficção e poética de José Régio", de Geraldo Alves Taveira; "Pesquisa e Cultura", de Eticar Kuhn; "História Medieval: Formação da Nação Inglêsa", de Suely Machado Crespo; "Fernando Pessoa: um revoltado ou um revolucionário?" de Sebastião Expedito Ignácio; "Presença de Árabes na cidade de Franca((de Osvaldo Ravagnani; "Uma conjunção portuguêsa", de João Pereira Penha, e "Críticas a uma gramática tradicional", de José Beatriz de Almeida Gomes Miranda.

LIVROS DE PORTUGAL, nº 4, Lisboa, edição do Grêmio Nacional dos Editôres e Livreiros de Portugal, Lisboa, 72 páginas, 1971 — Bem apresentada revista periódica refletindo as atividades dos editôres e livreiros de Portugal. Salente-se que o presente número traz inúmeras notícias sôbre o movimento bibliográfico brasileiro e, inclusive, sôbre o aparecimento de livros de nossos autores naquele país. Várias ilustrações completam os textos.

FILOSOFIA

A FILOSOFIA ATRAVES DOS TEXTOS, de Alexandre Caballero, Editora Cultrix, S. Paulo, 1971, 272 páginas. — Com o objetivo de estimular alunos e professôres do Clássico e dos cursos introdutórios à Filosofia, o autor coligiu uma antologia de excertos representativos de grandes pensadores de tôdas as épocas. E desde logo esclarece que não se preocupou em reunir textos "demasiadamente longos" ou que fôssem "uma espécie de sucedâneo das obras originais. Antes, pelo contrário, um aperitivo". Apresentando trechos de mais de meia centena de filosofos, de Heraclito e Platão a Heidegger e Sartre, o prof. Caballero completou-os com nota biográfica de cada um e de sumula didática do respectivo pensamento, indicando, simultâneamente, os rumos seguidos pela evolução da reflexão filosófica desde a aurea época da Grecia.

CRÍTICA LITERÁRIA

AFONSO ARINOS, de Herman Lima, Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, 1971, 130, com um retrato do escritor focalizado. — Na sempre útil coleção "Nossos Clássicos", surge um volume dedicado ao autor de "Pelo Sertão". Num bem concebido ensaio de interpretação crítica, Herman Lima situa Afonso Arinos no posto a que faz jús na galeria dos mestres da prosa brasileira, salientando "a perenidade da beleza formal", e "a perfeição literária" que caracterizam suas páginas. O mesmo Herman Lima se encarregou de selecionar uma série de trechos do autor de "Pedro Barqueiro" e "Joaquim Mironga", completando-os com opiniões da crítica e indicações bibliográficas.

HISTÓRIA

ANTES DOS TEMPOS CONHECIDOS, de Peter Kolosimo, tradução de Paulo Sérgio Machado, Edições Melhoramentos, S. Paulo, 1971, 256 páginas. Numa interessante viagem à aurora do mundo, o autor traça sintética história da humanidade desde as suas mais remotas origens as mais recentes descobertas e teorias estabelecidas nesse campo. Capítulos como "A Era dos Gigantes", "Catastrofes Cosmicas", "O Grande Mistério da Atlantida", "Os Deuses Brancos", etc., constituem bons exemplos de literatura de divulgação a serviço do público ledor em geral.

MAMELUCOS, de Edmundo Zenha, edição do autor, S. Paulo, 1970, 275 páginas. — Com base nos inventários e testamentos de bandeirantes, há tempos divulgados pelo Departamento do Arquivo do Estado de S. Paulo, o autor procura salientar dois aspectos do fenomeno do bandeirismo, sobretudo no século XVII: o da predominância do ofício escravista e do papel do índio na sociedade do planalto. Estabelecendo a importancia social, econômica, política e militar do mameluco no processo de formação da sociedade de S. Paulo e, em extensão, do Brasil.

VIAGENS

NO PANTANAL NA AMAZÔNIA E EM MATO GROSSO, de J. Lucidio N. Rondon, edição do autor, Cuiabá, 1971, 209 páginas — Em linguagem simples, despretenciosa, pitoresca, o autor narra suas andanças e aventuras como desbravador matas e abridor de fazendas em várias zonas do interior do Brasil. Caçando e pescando, percorrendo regiões ainda pouco exploradas, têve ocasião de conhecer de perto as belezas naturais e entrar em contato com os rudes, mas generosos, sertanejos. Várias ilustrações documentam os fatos referidos pelo autor.

ENSAIO

INDIOS DO BRASIL, de Julio Cesar Melatti, Coordenada Editôra de Brasília, Brasília, 1971. — Professor de Antropologia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, o autor faz amplo levantamento das tribos de índios brasileiros, traçando-lhes as origens e estudando os respectivos característicos, costumes, grau de desenvolvimento, capacidade artesanal etc.

EXTENSAO OU COMUNICAÇÃO?, de Paulo Freire, tradução de Rosisca Darcy de Oliveira, Editôra Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1971, 93 páginas. — Publicada originalmente em espanhol, aparece a versão brasileira do ensaio do educador patricio, colocando e analisando o problema da comunicação entre agrônomos e trabalhadores rurais pròpriamente ditos, em relação do fenômeno de "desenvolvimento de uma nova sociedade agrária". No prefácio, Jacques Chanchot acentua que "o presente ensaio nos aparece uma síntese muito profunda no papel que Paulo Freire assinala à educação compreendida em sua perspectiva verdadeira, que não é outra senão a de humanizar o homem na ação consciente que êste deve exercer para transformar o mundo".

AMOR E FOME, de Bodo Manstein, tradução de Guttorm Hanssen, Edições Melhoramentos, S. Paulo, 1971, 272 páginas. — Logo de início, o autor estabelece um fato inquietante: no ano 2.000 — adverte-nos êle — o mundo contará 7 bilhões de habitantes, o que, vinculando-se à capacidade de produção de gêneros alimentícios e à contínua "explosão demográfica", poderá levar a nossa espécie à auto-extinção. E para não deixar dúvidas, pergunta: "A fome acabará com a humanidade?" Neste estudo, que deverá interessar tanto a sociólogos, governantes, futurólogos, cientistas, etc., como ao "homem da rua", o autor passa em revista, também, várias possibilidades de solução para tão terrível problema, seja na área da criação de novas fontes de alimentos, seja na dos métodos anticoncepcionais. Vários gráficos e desenhos ilustram a obra.

TEATRO

TEATRO EM TEMPO DE SÍNTESE, de Maria Helena Kuhner, Editôra Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1971, 122 páginas. — O processo do teatro contemporâneo e da sua expressão artística em geral, é levantado e discutido pela autora, com base em visão rigorosamente dialética da matéria. Detendo-se, inclusive, no exame da questão da linguagem da ribalta, Maria Helena Kuhner conclui que o problema da linguagem não pode ser dissociado "do da sua cultura, como se verifica que esta não pode ser dissociada do homem". No lúcido prefácio, Sabato Magaldi observa que "êste é um livro necessário, que abrirá uma polêmica alta sôbre o significado do teatro e seu caminho no Brasil e no Mundo"

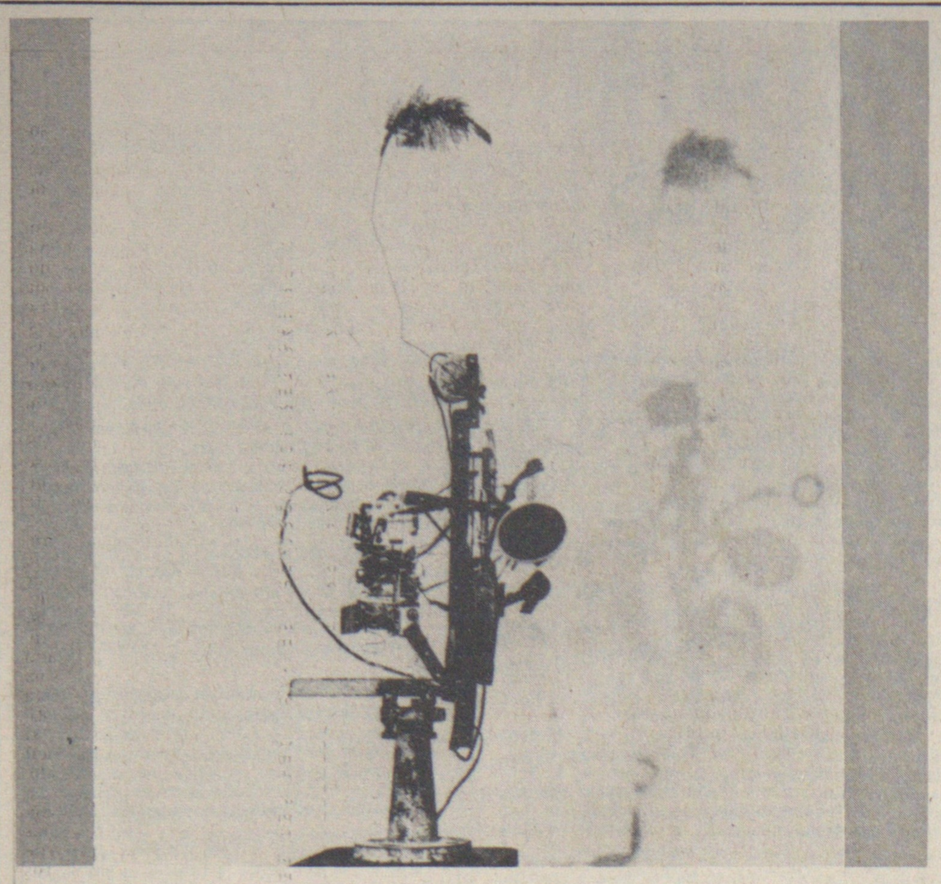
RELIGIÃO

O COMPROMISSO DA FÉ, textos de Emmanuel Mounier, coligidos por Paulette E. Mounier, tradução de frei Eliseu Lopes, O.P., prefácio de Pierre Ganne S.J., Editôra "Livraria Duas Cidades", S. Paulo, 1971, 209 paginas. — Os estudiosos da obra de Mounier encontrarão neste volume uma coletânea de textos representativos do seu penamento, refletindo, nas entrelinhas, sua extroardinária personalidade de "compromisário da Fé", mormente no que tange aos seus projetos de "personalismo comunitário". Aliás, na nota de apresentação, Paulette E. Mounier acentua: "Organizando a montagem dos textos que se seguem, tentei patentear, através dêles, a atitude vivida de um cristão que se situa, em todo o seu ser, não "*em face de*", mas *em* e *a serviço* do mundo, da Igreja de Deus".

PSICOTERAPIA

PSICOTERAPIA DE GRUPO, de Abraham S. Lucchins, tradução de Otavio Mendes Cajado, Editora Cultrix, S. Paulo, 1971, 272 páginas — Pondo em relêvo as mais significativas abordagens da psicoterapia de grupo, esta obra se destina, sobretudo, aos que ora se iniciam no estudo da psicologia em geral. Procedendo a um levantamento de questões atinentes à psiquiatria social, técnicas de dinâmica de grupo, pesquisas de ação, etc., o autor pretende que sua obra se tornasse uma espécie de guia atualizado, sobretudo no que tange aos aspectos mais salientes da teoria e da prática da matéria em pauta.

CMP 1.2.2.95-2



Homem e computador

João Camillo de Oliveira Tôrres

Sempre se levaram à conta de preconceitos aristocráticos, ou de intelectuais de profissão, certas idéias de Aristóteles, que, os escolásticos confirmaram: a divisão das atividades humanas em "artes liberais", próprias de homens livres como diz o nome, essencialmente, o trabalho do *clero*, e os "trabalhos servis", òbviamente mecânicos. Muitos intelectuais católicos modernos não escondem a sua repugnância por êsse aparentemente sistema de identificação da Igreja com estruturas do tempo, em favor de poderosos contra os pobres. Aristóteles já lembrava duas coisas: a necessidade da escravatura para o cidadão cuidar do bem comum e o sábio da cultura, e a primeira amostra de futurologia: se os teares tecessem sòzinhos a escravidão acabaria.

Na verdade estava certo. Sem considerar que, se a Igreja, como lembra o famoso "esquema XIII" do Vaticano II deve reconciliar-se com o mundo, natural que vivesse bem com o feudalismo, na Idade Média, e com os poderosos de hoje, os socialistas e os sindicatos, devemos, aprofundando as sábias idéias de Aristóteles e seus discípulos medievais, considerar o seguinte:

a) há trabalhos que podem ser executados por máquinas, não sendo trabalhos essencialmente e pròpriamente humanos;

b) há trabalhos que só homens podem executar;

c) a transferência de certas atividades dos homens para as máquinas é um fator de libertação, observação de que deve ser feita com cuidado, mercê da natural ambiguidade da condição humana, que mescla, sempre o mal com o bem.

A primeira questão parece óbvia, hoje, quando ocorre, ràpidamente, a transferência de quase tôdas as antigas artes servis ou mecânicas, principalmente algumas das mais desagradáveis, a máquinas. Vemos, ràpidamente, a fôrça muscular humana deixar de ser usada como fonte de energia e quase tudo o que os escravos (ou formas ainda servis, entre nós, não faz muito tempo) faziam no Brasil do século passado, agora cabe a máquinas. E se ainda usamos a fôrça muscular humana em muitas atividades agrícolas, qualquer pessoa considera, normalmente, que se trata de sobrevivência de métodos tècnicamente superados. Um bom índice de subdesenvolvimento é, sem dúvida, a presença ou não, o emprêgo do músculo humano como fonte de trabalho. No Brasil, por fôrça da rapidez e do descompasso de nosso desenvolvimento, produzindo áreas residuais enormes, e grandes massas de subproletários sem qualquer qualificação ou habilitação profissional, surgem êsses contrastes chocantes que vemos constantemente nas grandes cidades.

Tudo isso seria, realmente, muito simples se uma das grandes inovações de nosso tempo não trouxesse uma dúvida inquietante, aumentando o já complicado problema das relações entre o homem e a técnica. Mas, se as máquinas substituem trabalhos que, executados por homens, não pertencem às atividades específicas da natureza humana, e os computadores? Não haveria uma revolta dos robôs, das criaturas contra os criadores? Não estaríamos diante de uma definitiva e radical desumanização do homem?

A resposta que já me ocorrera e especialistas confirmam é simples: computadores são *cerebros*, não *inteligências*. Êles *raciocinam*, mas não *pensam*. Fazem cálculos, mas não descobrem a verdade. Talvez possam encontrar com exatidão as conclusões de qualquer silogismo, provàvelmente em BARBARA e silogismo perfeito, mas não descobrem premissa maior, que, de fato é a verdade do silogismo, o resto sendo apresentação ou simples dedução. Provàvelmente o computador me dirá que Sócrates é mortal, mas não descobrirá que Sócrates é homem, e muito menos que todo homem é mortal. Disse premissa maior: ambas são segredos para o computador. Aliás, tive pessoalmente um problema que ilustra o fato: a mera mudança de ano para 1971 provocou protestos indignados de nosso TC-500...

Max Scehler diria que os computadores têm inteligência prática, a mesma que o primata ensinado: mas não a razão, a capacidade específica humana de chegar a verdades mais altas. De qualquer modo, especialistas dirão: "... o essencial da invenção matemática escapará sempre ao mecanismo do cálculo, do puro jôgo combinatório da máquina. Não se trata apenas de uma limitação de fato: sabe-se, há algum tempo, que uma demonstração "intuitiva" é muito mais curta do que um processamento de cálculo formal. Para um teorema conhecido ser simplesmente verificado, a exploração exaustiva do conjunto recursivo das demonstrações poderá não favorecer a resposta senão ao fim de milhares de anos. Mas, na invenção de um novo teorema, a impotência da máquina é de princípio e não mais de fato, ela não pode sair do recursivo e o recursivamento enumerável coloca-a em cheque. Sòmente o pensamento lúcido, capaz de "curto-circuito" pode alcançar o desconhecido. A máquina ajuda o homem a pensar, mas sem poder substituí-lo" (Jean Ullmo, "Os novos poderes do pensamento" na obra coletiva "A Revolução da Informática", Rio, 1970, p.22). Em nota a outro ensaio dessa obra, C. Salzmann compara as informações no homem, que são vivências, e no computador, apenas fatos objetivos e neutros. O que, tem muita importância, pois, o computador devolve o dado intacto e o homem o colore de todos os terrenos por onde êle passou. É claro que um número é algo abstrato e neutro — mas todos sabem como podem ser repletos de significados. (V. p. 64 n.). Outro colaborador da obra citada, A. Kaufman, diz, confirmando: "Os maiores computadores de nossa época nada podem com relação aos problemas combinatórios para os quais um homem modestamente dotado pode, por intuição, obter na solução que não talvez a melhor mas é um tratamento suficiente da informação" (...) "Seu papel (do computador) não concorrer com a intuição, mas auxiliá-la" p. 132).

E os filósofos que dizem? João de Scantimburgo, sempre preocupado com os problemas de homem de nosso tempo, e procurando soluções retas, escreve um livro denso e profundo sôbre a "extensão do homem". (Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1970) e que é um dos bons livros de filosofia publicados ultimamente no Brasil. Êle realmente aborda todos os aspectos filosóficos do problema da técnica, uma extensão do homem, que, por vêzes se volta contra o homem. Discorre, por exemplo, sôbre a megalope e seus problemas. A cidade foi condição de civilização (até etimològicamente...) e nos vales do Crescente Fertil e do Egito nasceram com as cidades e a realeza as primeiras civilizações e as bases da nossa. Ora, hoje, a cidade é um problema. A cibernética dá origem a um nôvo homem, diz êle. Todavia, "maquinaliza o sistema nervoso e antromorfisa a máquina". Acrescenta êle — que a máquina, agora de raciocinar, de ajudar o homem a pensar, "não a inibem os freios do Inconsciente, nem os constrangimentos da dúvida da consciência" (p.118)

Podemos mesmo admitir um nôvo Aristóteles, coisa que graças à especialização parecera, uma geração antes, ter ficado inviável: um homem com conhecimentos básicos sólidos (como quem fizesse um curso secundário completo e ficasse realmente sabendo o que os programas exigem do adolescente...) e mais Filosofia, sem ser um especialista em coisa nenhuma, mas, capaz, vamos dizer, de entender um livro de Física e Metafísica, o que é possível, e, com um computador à mão, pudesse, na medida das necessidades, ter os elementos para trabalhar nesse ou naquêle ramo...

Mas, o problema que preocupa João de Scantimburgo é duplo. Em primeiro lugar o da política. A cibernética e as demais técnicas dão um incrível poder ao homem. Que fraco era Napoleão que não tinha computadores, aviões nem os meios de comunicação de massa! Os reis de Espanha e de Portugal, no *siglo de oro*, bem dotados de capacidade administrativa, tanto que fundaram o Estado, não teriam perdido o contrôle de seus domínios com as técnicas modernas de ação à distância. Esse poder de pensar como cem, de falar pessaolmente a milhões, de poder acompanhar pessoalmente as obras da Transamazônica e a colheita do trigo no Rio Grande do Sul estará, normalmente, nas mãos do Estado, ou se fôr de particulares, a situação ainda será pior. Mas, quem governará o Estado? Pode ser, òbviamente uma ditadura, que é o regime normal no século XX, que tem oferecido ao homem a opção agradável entre duas ditaduras, apesar de mestres autênticos, como Bernanos, homens que acreditam em Deus e portanto no homem, mostrarem outros rumos. Mas, e uma democracia tecnocrática, em têrmos de organização política que os latifundiários da Virgínia e os comerciantes da Nova Inglaterra inventaram ao fim do século XVIII? Seria uma monstruosidade, diz Scantimburgo. Eu, pessoalmente, não considero viável uma democracia em nossa sociedade de massas e tecnocracia. Seria uma demagogia como porta para uma ditadura. E, a política, lembra-nos Scantimburgo, "é função demasiado alta para que seja tratada segundo as vistas limitadas dos tecnocratas". E há a liberdade, que deve sobreviver, e não está ligada a um determinado sistema. Scantimburgo lembra que o Estado deve ser dirigido por um técnico em govêrno, não um tecnocrata, e de formação humanista, que seria o órgão de supremo contrôle, para evitar que as ambições, as lutas de classe e de partidos, e outros fatôres negativos, utilizem dos recursos da técnica para dominar o homem.

Mas, de qualquer modo, cumpre (é a lição final de Scantimburgo) considerar que, se não tivermos uma visão autêntica do homem, se não soubermos compreender que o homem tem um destino transcendente, não fugiremos à alienação da máquina. A prospectiva teria por fim não prever e prover em face dos problemas de renda *per capita* e coisas do gênero, mas também lembrar aos homens que além do PNB está o "ancoradouro de Deus". E volvêssemos a Santo Tomaz, Dante ou Santa Tereza como corretivo à técnica. Para ensinar-nos talvez a usar da técnica sem matar o homem...

O negro

Conto de Caio Porfírio Carneiro

O indicador balançou sôbre a mesa de verniz descascado:

— De raspão, apenas.

Sulco de estrias eriçadas, do canto da mesa à borda. O dedo apontou noutra direção:

— Cravou-se ali na porta. Um trabalhão tirá-la, dias depois.

O orifício destacava-se negro.

— Revolver?

— Rifle.

Apoiou-se à mesa, braços firmes, manoplas em cada canto. A esquerda levantou-se rápida e desferiu o sôco:

— Tomei-lhe a arma. E o resto todo o mundo sabe.

Sentou-se, flácido, na larga cadeira, e ficou a apalpar o queixo, como a modelá-lo.

— A janta!!

A acústica reboou nas paredes nuas. Seus olhos pousaram em mim, bondosos a princípio, ásperos depois. E quase em confidência:

— Negro cretino, isto sim.

— O negro?

— Justamente... A janta!!

O arrastar de chinelas, primeiro, ao longo do corredor, e o vulto, então, à meia-sombra.

— Diga.

— Ponha a sopa.

Pensativo agora, mãos a cobrir o rosto. Pôs-se, a seguir, escangotado, a contar as telhas da cumeeira com os indicadores. Imitei-lhe o gesto, e a claridade, através do trecho destelhado, mostrou-me um pedaço de nuvem.

A velha alta e de prêto, a arrastar os pés para manter o equilíbrio, aproximou-se, prato em cada mão, polegares mergulhados na gordura. A prudência não impediu que pingos grossos caíssem sôbre a mesa. Retirou-se então em recuo lento, a limpar os dedos nos babados. Êle encarou-a, numa repreensão:

— Imprudente, como sempre.

Empurrou um dos pratos na minha direção.

— Beba.

— Não tenho fome.

Ciscos caíram do teto e muitos dêles, nítidos, boiaram no caldo amarelo.

Êle puxou o prato com ambas as mãos, como a abraçá-lo, e chegou os lábios à borda. A sucção bamboleou os nacos de carne. Olhou-me de viés, o bigode pontilhado de gôtas:

— Beba.

— Não tenho fome.

Limpou os lábios com a palma da mão e estendeu-a em direção à porta:

— Procurou entrar por ali. Impedi. Tinha que impedir...

— Estava desarmado.

— Isto dizem. Desarmei-o. Nunca prestou. As surras foram merecidas.

Examinou, pálpebras semicerradas, o trecho destelhado da cumeeira:

— Antes, tentou por lá. Ouvi o barulho. Esperei-o aqui.

Quase num sussurro, debruçado sôbre a mesa, olhos injetados:

— Esperei que escorregasse pela corda. Teria sido mais fácil. Mas êle não tentou...

Concentrou-se e guardou silêncio, o indicador, em toques ligeiros, a provocar mergulhos nos nacos de carne.

— Já matou alguém?

— Eu?

— Você.

— Não, nunca.

— Eu também não mataria, não tentasse êle forçar aquela porta ou descer por êste teto. Sabe quantos anos eu tenho?

— Aproximadamente.

— Está claro que não sabe.

— Sou da família.

— Mas não guardou a minha idade.

— Importa?

— Às vêzes, e muito. Pode levar!

Como se estivesse a esperar o grito, ela surgiu de pronto.

— Pode levar. Não está a meu gôsto e êle insiste em não ter fome.

A mesa livre, limpou as nódoas com a manga do paletó, insistentemente.

— Quando nova, tinha brilho de espelho. Negro cretino, isto sim.

— Estava desarmado.

— Desarmei-o.

— Por que o maltratava tanto?...

— Negro sujo.

Levantou-se e, empertigado, mão no respaldo da cadeira, outra no quadril, demorou-se a examinar a larga brecha da cumeeira destelhada.

— Está se desmanchando...

— O casarão?

Aproximou-se da porta do oitão e com o anular acariciou o orifício:

— Um cretino, isto sim... isto sim... Seu avô foi da Guarda Nacional, sabia?

— Sabia.

— Construiu isto.

Agora via-o de perfil, mãos cruzadas às costas, a fitar distante. Como o vira na tarde chuvosa, arrogante, indiferente aos rogos, autoritário:

— Pode começar. E sem pena.

As chicotadas riscavam, como lâminas, as costas luzidias do negro, ali estirado no oitão.

Mãos tímidas puxaram-lhe a aba do paletó:

— Tenha dó.

— Negro sujo.

Imponente olhava o tempo, através da porta aberta do oitão. E os pés do negro, solas novas, contraíam-se ao ritmo das chicotadas. Recuei muitos passos, temeroso, e encontrei as saias protetoras que me envolveram e me conduziram para o escuro da camarinha.

— Êle vai matar êle.

— Deite-se.

Embrulhado na rêde, penetravam-me a espinha os sibilos das chicotadas, agudos e uniformes. E o farfalhar das saias, o pigarro grosso, depois o silêncio. Agucei os ouvidos e esperei. Como se dedos tamborilassem na janela, lentos a princípio, apressados em seguida. Então o trovão deu-me conta de que minha mão era mais forte. E segurei-o firme:

— Deixe êle em paz.

— Você também merece castigo.

— Um dia pagará.

— Não se meta nisto.

Ali impassível, à soleira da porta do oitão. Encarei-o de frente, decidido, embora as mulheres recuassem, a pedir socorro. Seus olhos encontraram os meus e minha decisão transformou-se em covardia. Êle levantou os braços longos e com a malha tentou envolver-me a cabeça, mas, num estremeção de músculos, vi, através das varandas da rêde, a cumeeira lá muito alto. As pulsações reboavam-me nos ouvidos. A chuva caía compacta, matraqueava na janela.

O negro estaria lá, estirado no oitão.

A mão acariciou-me os cabelos.

— Sonhei. Horrível.

— Já passou.

Levantei-me e, pé ante pé, fui abrir a porta, uma fresta apenas, e o vi de perfil, mãos às costas, à porta escancarada do oitão, banhado de chuva. Mesma posição de agora.

— Estava me lembrando...

— De quê?

— Tolice.

— Não pense em tolices.

Recuou até a mesa e limpou demoradamente, com a manga do paletó, uma última nódoa de sopa. Sentou-se de costas para mim, pernas cruzadas, mãos apoiadas aos joelhos.

— Lembra-se bem dêle, não, rapaz?

— De quem?

— Do negro.

— Claro.

— Pois tomei-lhe a arma. O resto todo o mundo sabe.

Escurecia.

— E se chover?

— O que tem?

— A cumeeira destelhada...

— Não é a primeira vez que chove nesta casa.

Pios de aves que se recolhiam. O vento zunia forte, pela porta aberta, e o guizo sêco de cascavel, prêso ao alto da parede, chiava impertinente. De costas para mim êle parecia rezar. Aproximou-se a velha de prêto e pôs-se a estregar o trapo sujo na mesa. A voz acompanhou a meia volta do corpo, até encará-la de frente:

— Já me encarreguei disto.

Ela enrolou o trapo nas mãos, cruzou-as ao peito e sumiu-se no corredor, rumo à cozinha. Levantei-me, e, mãos nos bolsos, aproximei-me da porta. Examinei o orifício negro. Com o indicador tentei livrá-lo do sujo acumulado. Voltei-me e estudei a mesa, onde o risco de bala mostrava-se mais profundo no centro.

— O que, rapaz?

— Nada. Está escurecendo...

— Acontece isto todos os dias.

Marchei para o corredor escuro e deixei-o com seus pigarros. A entrada da cozinha, via-a junto ao borralho:

— Êle fala que destelhou a cumeeira.

— Êle fala.

— Não acredite.

Cantei baixinho, assoviei a velha canção. O trinado porém saiu frouxo, quase um sôpro. Suspirei, decidido:

— Prepare-se para deixar esta casa.

— Eu fico.

— Êle também vai.

— Duvido.

— Verá. Começamos pela cumeeira.

— Começaram?...

— Eu e o negro.

— Êle o matou, todos sabem. Surrou-o a vida inteira e matou-o, depois. Uma na porta, outro no coração.

— Ficarão ao relento. Pouco me importa.

Voltei à sala, sentei-me e aguardei. Êle procurou falar do seu passado, dos seus e dos meus ancestrais, andando de canto a canto da sala, mãos cruzadas às costas. Avivei o candieiro, voltei a examinar as horas.

— Você não acha...

— Nada mais importa.

A corda pendeu do teto e bailou em tôrno do candeiro. Segurei-a, soquei-a. Êle olhou-a aterrado. Levantou-se e recuou, derrubando a cadeira. Procurava falar, o dedo apontando a corda, não articulava palavra. E eu a acariciá-la. Ela também veio da cozinha e encolheu-se tímida ao canto da parede.

Trepei-me na mesa e chutei, com máximo de fôrça, o velho candeiro, que se espatifou na parede, junto ao guizo sêco de cascavel e a chama morreu em línguas rápidas de fogo. Mãos procuraram me segurar as pernas. Libertei-me com safanões e ágil e seguro subi pela corda. Ao atingir a cumeeira, senti no rosto o vento frio da noite. Êle me esperava.

— Estão mais podres do que êste casarão.

Êle riu. Suspirei:

— Continuemos.

Sua pele mostrava-se mais luzidia à luz do luar.

— Sabe: da velha sinto pena.

Comecei, decidido, a arrancar as telhas e a jogá-las aos quatro ventos. Êle olhou-me, mostrou-me seus dentes alvos, e imitou-me. Senti-me então recompensado.

"Bandeira" na linguagem popular

Mário Neme

No tempo do governador Rodrigo César de Meneses houve algumas bandeiras, das quais a mais falada é a que comandou o 2º Anhanguera, em 1722. A expedição teve apoio oficial, incluído o do próprio rei, mas os recursos necessários foram fornecidos pelos seus chefes e demais participantes. A um dêstes, o reinol Silva Braga, devemos a maior soma de informações sôbre o que se passou com a "primeira bandeira que entrou no descobrimento das Minas dos Guaiases" (1), relato em que o depoente diz que durante os três meses em que a tropa ficara estacionada em determinado sítio o Anhanguera conservara todo o milho que conduziam, sem o distribuir, sob a alegação de que "lhe era preciso para as *bandeiras* que havia de lançar" (2). Fala em seguida (loc. cit.) em uns índios que haviam fugido por temor das armas dos invasores, "como experimentamos depois das *Bandeiras* que se lançaram a espiá-los..."

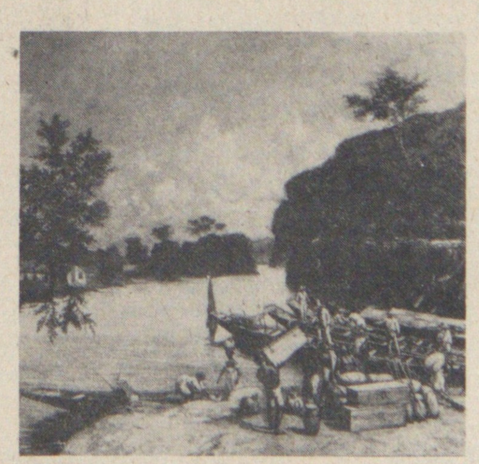
Em 1730, um traficante de escravos negros que se encontrava em Goiás escrevia que ali a situação estava má para os negócios, por se apresentarem escassas às faisqueiras, não havendo ouro "senão pelo veio das águas dos córregos, e êstes são distantes uns dos outros; vivem os homens nas esperanças em algumas *Bandeiras* que andam fora, e outras que se hão de fazer..." (3).

Por volta de 1731-32, um fulano Moreira, que, agindo como particular e por conta própria, andava à procura de certa serra com fama de aurífera, informava ter saído de Pitangui "com 20 armas, tôdas à minha custa"; empregava várias vêzes a palavra "bandeira", sempre com o sentido paulista, como ao dizer (4): "Da roça ou sítio em que me arranchei lancei uma *bandeira*, que se recolheu no fim de cinco meses..."

Em narrativa sôbre o "primeiro descoberto destas Minas Gerais", dizia c. 1750 um autor anônimo: "E chegando as primeiras esquadras ou *bandeiras*... em 1691 saiu de S.Paulo uma *bandeira* de paulistas..."; "tornou a vir com outra *bandeira*..."; "E com a mesma *Bandeira* vieram não só Paulistas como também filhos de Portugal e Rio de Janeiro..." (5)

A índole popular da palavra "bandeira", juntamente com a noção dela derivada, deveria propiciar, naturalmente, o aparecimento de têrmos derivados. Veremos adiante que d. Luís de Mascarenhas (ou o secretário ou escrivão por êle) fala em "bandeirante" em um de seus editais. Além disso, num relato sôbre os primeiros descobrimentos em Minas Gerais, atribuído a Bento Fernandes Furtado de Mendonça, diz-se em certo passo (Id., 41) que de 1702 a 1703 a coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça (pai do suposto autor) "mandou a seu filho Bento Fernandes Furtado a *banderear* para a parte do Sul do Ribeirão do Carmo..."

O que aí ficam são alguns dos muitos exemplos que se podem colhêr de papéis particulares e que comprovam o emprêgo popular da palavra bandeira com o sentido adquirido no "mundo paulista". Nas esferas oficiais, após Rodrigo César de Meneses, continou-se a dizer bandeira



em contraposição a companhia e expressões equivalentes da terminologia militar.

Mas já ao tempo do governador Luís de Mascarenhas, cujo mandato se encerra pouco antes da extinção da capitania, a instituição se encontrava em franca decadência e pràticamente não mais aparecem bandeiras de criação espontânea. Em 1739, diligenciava êle impedir invasão dos descobertos, alegando que de tais ocorrências resultava ficarem "sem parte nos descobrimentos o mesmo descobridor e soldados das *Bandeiras*" (6). No ano seguinte determinava que "as *Bandeiras* que forem explorar a campanha" da parte do Norte e Nascente das minas da Natividade "sejam poderosas pelo perigo a que se expõem as menos fortes"; assim, que "tôdas as pessoas que quiserem entrar na dita conquista se *alistem debaixo de uma só bandeira* à qual vão sempre unidos". Estabelece então a forma pela qual "se deve conservar a gente que fôr na *Bandeira* que vai aos pinares", proíbe a ida de mais de uma bandeira; e para esta nomeia o cabo, ao qual reconhece o direito de "nomear duas pessoas com o título de segundo e 3º Cabo para em sua falta regerem a dita *Bandeira*". Diz mais que os cabos devem animar "os seus soldados e *Bandeirantes* desta emprêsa" (7).

Em 1741, o mesmo governador prescrevia um regimento para a "*Bandeira* que vai explorar a campanha do Rio do Sono", dizendo no preâmbulo que o povo havia concorrido "com gente, ouro, armas, munições e mais coisas necessárias para se formar uma *Bandeira* poderosa" e sendo justo que ela fôsse "dirigida e regida por pessoas de capacidade, satisfação, experiência da guerra gentílica" etc., nomeava dois cabos e um "comandante de tôda a *Bandeira*", cabendo a êste nomear escrivão (pg. 157).

Depois da restauração da capitania, em 1765, sob o Morgado de Mateus, êste governador já veio encontrar os paulistas sem a menor inclinação para as expedições sertanistas. Para embasamento de suas iniciativas de carater militar, o Morgado exerceu forte pressão sôbre os moradores a fim de que realizassem diversas bandeiras. Na verdade, tomou êle particular gôsto por êste têrmo, do qual usou muito, empregando-o por vêzes com um certo sabor saudosista, não deixando também de lamentar em diferentes ocasiões estivessem os paulistas de seu tempo destituídos do ânimo empreendedor dos seus antepassados. E de todos os exemplos que deixou (8), ressalta claramente a distinção da bandeira como cometimento particular (9).

Por outro lado, a documentação disponível confirma, em contraprova, que às expedições de tropas regulares não se aplicava o têrmo bandeira. Sempre que, por necessidade ou conveniência, o governador despachava patrulhas, esquadras, companhias constituídas de soldados pagos, não as designava por "bandeiras" (10). Mesmo no caso de arregimentação temporária de praças — "com o mesmo soldo e farinha que vencem os soldados pagos" — como sucedia ao pretender o governador formar tropas para um fim determinado — explorar certo sertão, dar combate a uma ou a umas tantas tribos indígenas — a linguagem oficial das expressões jornada, expedição, tropa, guerra, emprêsa (11). Em tais casos, embora os alistados recebessem "ranchos" e pagamentos comumente atribuídos aos cabos e soldados engajados, não se fazia qualquer alusão a bandeira — certamente por motivo de significação popular que o vocábulo havia adquirido em São Paulo e em todo o "mundo paulista" desde os inícios do século 17.

(1) "Relatos Sertanistas", pg. 122
(2) Idem, pg. 128
(3) D.I., Vol. 50, pg. 215
(4) "Relatos Sertanistas", pg. 168
(5) Idem, pgs. 61, 80
(6) D.I., Vol. 22, pg. 143
(7) Idem, ibidem, pgs. 146, 47 — Nos novos descobertos, deviam fazer roças antes de iniciar as lavras; "somente os soldados das Bandeiras poderão faiscar em algum corrego de menos conta que o Guarda mor ou Cabo da Bandeira lhe determinar." (Id., 150)
(8) Entre outros: D.I., Vol. 34, pgs. 28, 51, 52, 68, 82, 268, 306, 325, 330, 333; 8, pgs. 141, 147
(9) Ha um caso que pode induzir em erro o leitor desprevenido, pois trata-se de outro exemplo da tatica de dissimulação em que muito se comprazeu o Morgado. Ao espedir tropas para fundar Iguatemi, usou ele varias vezes o termo bandeira com o intuito de iludir os moradores: ao despachar Martins de Barros, com instrução secreta para instalar a fortaleza faz apregoar que autorizara a formação de **bandeira para descobrimento das minas do Ivai**, assegurando aos que quisessem ir "a preferencia nas datas, como e costume" (D.I., 5, 21); ao enviar circular aos capitaes das vilas para aliciar gente para essa bandeira — prometendo vantagens aos que "quisessem ir" — ressalva aos capitaes que tal papel era "para mostrar", para tornar publico (Id., 12); ao encomendar a fabricação de grilhões (pg. 48), obviamente destinados a reter em Iguatemi (enquanto não houvesse masmorra), não apenas os criminosos, mas ainda os voluntarios que, ai chegados e cientes do logro, pretendessem retornar, recomenda o maior segredo — segredo que aparentemente nada justificava; ao responder ao governador do Paraguai (que havia protestado contra o estabelecimento de Iguatemi), alega que Martins de Barros era um "chefe de bandeira" que ali havia estacionado por necessidade de se refazer de roças, fato que êle Morgado muito estranhava e lamentava, por contrariar suas ordens (D.I., 9, 46)
(10) D.I., Vol. 22, pgs. 166, 176, 185, 186, 189; Vol. 34, pgs. 351, 352, 333
(11) Idem, Vol. 34, pgs. 266, 272, 280, 281, 282, 326, 328, 330

E depois nosso exilio

Virginius da Gama e Melo

Quando o Prêmio Walmap 1969 foi concedido a Sérgio Viotti, ator e diretor de teatro, a surprêsa foi geral e o interêsse pela leitura do livro atingiu a todos. Logo ouvido pela imprensa, quando da concessão do prêmio, Sérgio Viotti esclareceu que se tratava de um romance que começara a escrever na Europa há mais de vinte anos.

Ora, um romance que custa para ser escrito o prazo de vinte anos, e que começa a tomar corpo num continente estrangeiro, é, de certa forma, uma obra trabalhada, emocionalmente serena, alongada no tempo e na paisagem, disciplinados os toques emocionais primitivos. Um romance perigoso, podendo chegar a uma tal serenidade que se confunda com frieza, insensibilidade, ficando um relato frio sem a palpitação de um verdadeiro romance. Por outro lado, entretanto, as condições referidas podiam levar a depuramento de linguagem e de sensibilidade, de seleção episódica que influiria enormemente na forma do livro, da sua continuidade dramática, sem concessões ao usado, ao vulgar, ao já estabelecido.

Sérgio Viotti estabeleceu com o livro premiado, com tôda justiça, diga-se de passagem, um nível literário que é literatura pura. A expressão, o seu tanto confusa e parecendo redundante, é justamente a que se aplica ao romance "E Depois Nosso Exílio", publicado por *Edições Bloch*.

Foge o livro de Sérgio Viotti àquela tendência descritivo-narrativa tão evidente na literatura brasileira, correspondente ainda a um estágio cultural nosso. Como também se afasta daquela linha intimista verbal, em que a palavra vale mais que a emoção, ficando-se num plano de verbalismo ôco quando se pretende ou pelo menos se anuncia a palpitação e o calor de uma obra como romance. A êsses dois caminhos não se liga, não se aproxima, como tendência ou característica, a obra de Sérgio Viotti.

"E Depois Nosso Exílio" participa, entretanto, das correntes acima, e a afirmação não é descabida de sentido, pois a narração e o intimismo, o subjetivo e o objetivo estão presentes em tôda peça literária. O que há nesse livro é o completo entrosamento entre as duas tendências, uma harmonia de construção que é uma visão do mundo. E de certo modo, talvez avance para uma cosmovisão, tanto se aprofunda nêle a análise do humano e dos seus misterios recônditos.

Tudo isso surpreende profundamente a quem se informa de Sérgio Viotti — fato que ocorreu a todo leitor brasileiro — antes de ler o seu romance. O conhecimento de sua atuação anterior levava naturalmente a esperar um livro em que caso não houvesse uma representação teatral, pelo menos uma teatralização de representação teatral, onde se insistisse na ação, quer na composição, onde se demorasse no diálogo.

O romance "E Depois Nosso Exílio", entretanto, é antes de tudo linguagem. Mas quando referimos "linguagem" não é em nenhum sentido de renovação linguística, de criação inusitada de estilo, de artificialismo ou coloquialismo, ou vice-versa, quando não uma coisa entrosada na outra, tudo muito em voga atualmente. A linguagem, de que se fala aqui, é a comunicação intensa que faz dêsse livro um romance para ser "lido", não para ser visualizado, ou para ser apaixonado, hermético. Um romance literàriamente como uma sinfonia. Para ser lido, gozado em sua leitura, em seu ordenamento de pensamentos e sentimentos utilizando a palavra como veículo, mais nada. Um exemplo:

"Quando êle a viu entrando, levantou-se e veio até o meio da sala com as mãos estendidas. Continuaria bonito sempre e sempre, apesar da cabeça grisalha, apesar de ter engordado, apesar de ter (agora) os olhos meio embaçados e os óculos grossos darem uma seriedade nunca natural ao seu rosto. As mãos eram fortes e grandes, macias, boas de ficarem apertando as delas. Então era aquêle o Hênio e ela era Maria da Esperança; se não se conhecessem seria a primeira vez que se viam".

Decorre suave e profundo o drama, que existe e intenso, de "E Depois do Nosso Exílio". É o desvirginamento das criaturas pelo mundo, a família entrelaçada desde os inícios, a presença absorvente dos parentes do palco dos parentes — a casa. O complexo do nicho, poderíamos dizer. A casa e suas implicações de mistério, testemunha dos íntimos de cada um. A testemunha material, aparentemente, pois na verdade possuida duma alma mais poderosa que cada uma das individuais, talvez, uma alma coletiva. É sábia. A casa é sábia, serena, possuidora da realidade e do segredo do tempo, do mistério do futuro e da grandeza solene do passado.

Parte Sergio Viotti para numerosas alegorias num romance que se prende indiscutivelmente a uma severa realidade. Aquilo é a realidade ampla da vida, que fornece a base para o livro. Mas o livro é uma construção muito além do poder dos alicerces. E, de certo momento em diante, êle como que se liberta da base, passando a viver por si mesmo. Não sei se me expresso claramente mas o que quero dizer é mais ou menos o que o autor diz referindo-se a um azul de amanhecer:

"De novo o céu era azul. Azul amplo, nôvo e puro, *sôlto no ar* desanuviado, nôvo de nôvo".

O romance de Sergio Viotti é uma análise em profundidade, um dissecar dos recônditos humanos, mas é uma profundidade, límpida, pura, numa "lenta clareza", se apresentando tudo leve como "sôlto no ar, desanuviado, nôvo de nôvo".

Mas a realidade, embora presente; a clareza, tão pura; a profundidade psicológica, tão verdadeira; tudo isso não daria para um romance, acaso faltasse ao autor a visão romanesca que imprime ao menor ato da vida uma densidade de sonho, grandeza e legenda. E tudo no livro de Sergio Viotti adquire uma tonalidade de mistério, um longa côr, um profundo tom sépia, de melancólica vivência.

A casa é o que faz nascer e o que prende. Mas ela própria traz em si os germes de destruição — ela é sempre a perspectiva de afastamento, de separação entre os sêres ali aglutinados. Ela própria também divide. E, das crianças, uma tem os quartos, outros as escadas, a terceira o jardim. E os sêres se apropriam e desenvolvem a personalidade, através dessa propriedade fictícia mas que é plenamente esclarecedora de espírito de cada um.

A vida mais tárde irá completando ou comprovando o que a casa insinuara, determinara, definira rústicamente. A casa, como a vida, reune e dispersa.

Mas "E Depois Nosso Exílio" é a densidade dêsse mistério da vida, dêsse mergulho suave no tempo que é a vida vivida, experimentada, sentida, encontrada de súbito "A vida e a verdade, porque uma e outra eram a mesma coisa. Não importa a gente estar presente. Continuam".

Tudo afinal se reduz na visualização maravilhosa de Sergio Viotti, uma visualização que é linguagem-verdade-poema — "Os menores veriam uma mulher de azul passando no jardim e a cercariam de valores de lenda, de belezas de fada. Mas os velhos sabiam que só mais uma pessoa envolta em alguma verdade humana já conseguida".

A casa, fôra a preparação para a consciência do exílio, na ausência. Quando se reencontram, reencontram também a casa. Regressam. Mas, depois o exílio, o preço do resgate é o despojamento e a alegoria se transfundindo, se podemos sentir assim — "O restante era um desapêgo. Andou, sem eco, na direção da escada. Seu córpo, sem somba, entre azulejos, lentamente, desaparece".

Índice dos autores

(continuação da página 5

PONTES, Joel
Ensaios do visitante ... 688 3
Ensaios do visitante ... 690 3

PORTELLA, Eduardo
Proposições semiológicas ... 686 1

PUPO, J. Vaz
Memórias e confissões de um tabacomaníaco ... 680 5
Memórias e confissões de um tabacomaníaco ... 681 3
Memórias e confissões de um tabacomaníaco ... 682 3
Memórias e confissões de um tabacomaníaco ... 684 5

R

RAMOS, Maria Luiza
Um modêlo poético ... 665 3

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva
"Michael Drayton" (tradução e notas) ... 658 3
"Shakespeare" (tradução e notas) ... 671 3
"John Webster" (tradução e notas) ... 681 3
"Thomas Campion" (tradução e notas" ... 685 3

RÊGO, Victor da Cunha
As contas de vidro ... 660 3

REIS, Edgard Pereira dos
"A Cidade de Deus" — Sebastião G. Nunes (Res.Bibl.) ... 696 2
"Do Lado de Lá", Carlos R. Pellegrini (Res. Bib.) ... 698 2

RICARDO, Cassiano
O quadrimotor ... 656 3
Depoimento (Ed. Especial sôbre Mário de Andrade) ... 662 3
Brecheret e sua obra máxima ... 664 5
"Lâmpada do operário" e "O homem e sua hora" ... 688 3

RODRIGUES, Geraldo Pinto
A Aranha ... 659 3
A Construção ... 666 3
Tempo ao meio ... 696 3

RODRIGUES, Miguel Urbano
Álvaro Lins ou a coragem de desafiar ... 676 5

ROMAN, Beatriz
Ilustração (Da decepção de se achar) ... 668 3

RÓNAI, Paulo
Guimarães Rosa não parou ... 654 1
Acêrto de romacista ... 657 1
Cem Horas de encantamento ... 660 6
Comparação criadora ... 664 6
Palavras apenas mágicas ... 669 3
Ionesco, o teatro e a crítica ... 672 1
A temporada de Ionesco ... 673 1
Elegia Fiumana ... 684 6
Karen Blixen e/ ou Isak Dinesen ... 690 1
O risco do bordado ... 698 1
O nariz do morto ... 699 6

ROSOLIA, Orestes
De Montesquieu à Inconfidência ... 670 5

ROSENFELD, Anatol
Osman Lins e o teatro atual ... 664 6
O jôgo das Contas de Vidro ... 665 1
"As confrarias" ... 674 5
Esbôço de Hoelderlin ... 694 1
O ôlho de vidro de "Nove, Novena" I ... 699 1
O ôlho de vidro "Nove, Novena" II ... 700 5
Beethoven, clássico ou romantico? ... 701 2

ROSENMAYER, Rita
Desenho ... 689 5
Ilustração (Tempo ao meio) ... 696 3

S

SAFADY, Naief
O fim da literatura ... 668 4
Os fluxos culturais ... 677 4
Poema e música ... 681 5

SALVADOR, José Gonçalves
O enigmático frei Manuel Calado ... 698 5

SANTILLI, Maria Aparecida
Romance em prêto e branco ... 687 6

SANTIAGO, Silviano
Re-definir auto-definindo-se ... 659 6
Dedicatórias ... 668 3

SANTOS, Corcino Medeiros dos
"A Baleia no Brasil Colonial" — Myriam Ellis ... 675 2
"A Bahia e a carreira da Índia" — José Roberto do Amaral Lapa (Res. Bibl.) ... 695 2

"Os barranqueiros" Saul Martins **(Res. Bibl.)** ... 698 2

SANTOS, Graco da Silveira
Em tôrno de um congresso ... 667 6

SANTOS, JR., João de Oliveira
"Unrest in Brazil" — John Welsh Foster Dulles (Res. Bibl.) ... 693 2

SANTOS, Paulo da Silveira ... 4
José Bonifácio ... 695 4

SARAIVA, Arnaldo
Quem não tem mêdo da gralha ... 657 3

SAYERS, Raymond S.
A música na obra de Machado de Assis — I ... 689 1
A música na obra de Machado de Assis — II ... 690 5
A música na obra de Machado de Assis — III ... 691 5

SCARANO, Julita
Poesias de Giuseppe Ungaretti ... 676 3
Canto de Marte e da Lua ... 689 3
A desejada liberdade ... 696 5
Os homens prêtos cativos ... 700 6

SCHNAIDERMAN, Boris
Uma visão dialética e radical da literatura ... 677 1

SCHNORRENBERG, Roberto
O revolucionário persiste apesar do mito ... 701 5

SENA, Jorge de
Algumas notas sôbre o teatro de José Régio ... 702 5

SILVA, Alberto da Costa e
O nariz do morto ... 688 1

SILVA, Dora Ferreira da
Poemas de Hoelderlin (tradução) ... 694 4

SILVA, Maria Beatriz Nizza da
A Utopia de Sade ... 658 6
A recusa da História ... 663 6

SILVA, Domingos Carvalho da
Elegia para Lupe ... 698 3

SILVEIRA, Alcântara
Um paulista de Ouro Fino ... 658 3
Ruy e a questão Dreyfus ... 665 4
Uma história da Medicina ... 671 3
O Cristo e a Bandeira ... 679 5
Uma lição sôbre anjos ... 688 1
O filho pródigo ... 696 5

SIMÕES, João Manuel
Da "Presença" ao neo-realismo ... 666 6
Jorge de Lima: o inventor e o Orfeu ... 690 6
Pessoa, "as/a young man" ... 691 4

STRAUS, Agi
Ilustração para "Shakespeare" ... 671 3
Ilustração para São Luís: Via Electra ... 677 3
Ilustração para "Canto de Marte e da Lua" ... 689 3

SUCUPIRA FILHO, Eduardo
"Tomás Morus e a Utopia" — Ivã Lins (Res. Bibl.) ... 656 2
"O infinito no pensamento da Antiguidade **Clássica" — Rodolfo Mondolfo** (Res. Bibl.) ... 659 2
"História Geral da Pedagogia" — F. Larroyo (Res Bibl.) ... 664 2
"Próblemas e Métodos de Investigação na História da Filosofia" — Rodolfo Mondolfo (Res. Bibl.) ... 665 2
"Posição: contra os Tecnocratas" — Henri Lefebvre (Res. Bibl.) ... 667 2
"Les Grandes Doctrines de l'Histoire" — Alban G. Widgery (Res. Bibl.) ... 669 2
"O Espírito do Tempo" — Edgar Morim (Res. Bibl.) ... 673 2
"Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas" — Ivan Lins (Res. Bibl.) ... 676 2
"História Sociológica da Cultura" — Alfred Weber (Resp. Bibl.) ... 677 2
"Nôvo Dicionário Melhoramentos" — organizado por Adalberto Prado e Silva, com a colaboração de Teodoro Henrique Maurer Jr., José Curado e Ari Tupinambá Pereira (Resp. Bib.) ... 680 2
"Psicologia e Pedagogia" — Jean Piaget (Res. Bib.) ... 682 2
"A problemática do Homem" — C. I. Gouliane (Res. Bibl.) ... 684 2
"História e Verdade" — Paul Ricoeur (Res. Bil.) ... 686 2
"Sociologia e Filosofia", David Emile Durkheim (Res. Bibl.) ... 689 2
"La Pensée de Hegel", Angèle Marietti (Res. Bibl.) ... 690 2
"Introdução à História Econômica do Ocidente" — "Sociológia e estrutura", Robert K. Mertom (Res. Bibl) ... 692 2
Alfredo Lisboa Browe (Res. Bibl.) ... 694 2
"Sociologia Política" — II vol. — Talcott Parson e outros ... 695 2
"De Uma Sagrada Família e Outra" — Raymond Aron (Res. Bibl.) ... 696 2
Novo dicionáric da História do Brasil (Res. Bib) ... 702 2

T

TAVARES, Zulmira Ribeiro
"A Compadecida": um confronto ... 656 5
Sobreposição Sub-reptícia ... 667 3

TELLES, Carlos de Queiroz
Notas sôbre uma tradução ... 666 5

TOLEDO, Benedito Lima de
São Francisco de Assis de Ouro Prêto — I ... 688 6
São Francisco de Assis de Ouro Prêto — II ... 689 6
São Francisco de Assis de Ouro Prêto — III ... 690 6

TORRES, João Camilo de Oliveira
Faces da Igreja ... 658 4
A realidade Brasileira ... 664 4
A lição de 1969 ... 668 4
Revisão de Teilhard de Chardin ... 672 3
Etapas da Igreja ... 683 3
Uma interpretação ... 684 5
O escritor e o serviço público ... 687 3
Idéias e Ideologias ... 696 6

TRAGTENBERG, Maurício
"Max Weber y la Politica Alemana" — J. P. Mayer (Res. Bibl.) ... 664 2
"La Ciencia de la Comunication Humana" — Wilbur Schramn (Res. Bibliográfica) ... 683 2

TRAVASSOS, Nelson P.
A crise no comércio editorial ... 666 4

TRIMANO, Luís
Ilustração "Lâmpada do operário" e "O homem e sua hora" ... 688 3

V

VERISSIMO, Erico
Pinturas de Seone" ... 702 6

VIEIRA, Carlos
Cinema Holandês e Bert Haanstra ... 659 5

VILLALOBOS, João Eduardo
Educação e Filosofia ... 694 5

VIEIRA, José Geraldo
Depoimento (edição especial sôbre Mário de Andrade) ... 662 3

VIZIOLI, Paulo
Guimarães Rosa e William Faulkner ... 667 1
O Brasil na poesia de Lawrence Durrel ... 673 1

X

XAVIER, Lívio
A arte de escrever história (The Illustrated London News) ... 654 6
A nova ficção americana: Saul Bellow (Diálogo) ... 655 5
Verdi e o Rei Lear (The London Magazine) ... 656 6
Lendas Bíblicas (Commentary) ... 657 6
O Duque (Spectatpr) ... 658 6
43 anos de facismo em Portugal (Paz e Terra) ... 659 6
Propércio, o poeta da paixão obsessiva (The Times Saturday Review) ... 660 6
Os novos de tôda a parte (Suplemento Literário do "Minas Gerais") ... 661 6
Dickens (The Times Saturday Review e Spectator) ... 663 5
A não violência no Talmud (Comentário) ... 664 6
Christine Steal em Washington Square (The London Magazine) ... 665 6
A vida literária anglo-americana 1900 — 1950 (Spectator)
O profeta da idade do "jazz": Scott Fitzgerald (The Daily Telegraph) ... 667 6
A procura de George Canning (The Time Saturday Review) ... 669 6
Camilo Castelo Branco nas suas relações com Oliveira Martins (Ocidente) ... 670 6
A voz do Profeta (Spectator) ... 671 6
O imoralista (The New York Times Book Review) ... 672 6

Allen Ginsberg e os anos sessenta (Comentário) ... 673 6
Três brados de alarme (Permanência) ... 674 6
Lutero: uma reabilitação encomendada Arte do conto (The London Magazine) ... 675 3

Os Brownings na sua correspondência (Spectator) ... 676 6
(Hora Presente) ... 677 6
Música e Poesia consideradas personagens (Revue Musicale Suisse) ... 678 5
Um primeiro mas sem estrelato: E. M. Foster ... 679 6
A desordem argentina. A morte do sol (The Times Saturday Revue) ... 680 6
Bolivar amoroso: uma carta confidencial (Gaceta Universitária) ... 681 6

A cultura, comida quente (Spectator) ... 682 6
Salão para artistas e escritoras (Diálogo) ... 683 6
A Cidade de Deus. — Poemas Zum ... 684 6
Poesia e Prosa do J. L. Borges (Cuadernos Hispano Americanos) ... 685 4
Literatura e Revolução (Spectator).
Revolucionarismo Literário (Commentary) ... 686 5
Duplo contrôle (Spectator) ... 687 6
Carlos Gomes (revista do Arquivo Municipal) ... 688 6
Fatal curiosidade (The London Magazine) ... 690 5
A nova narrativa cubana. A preocupação nacionalista na literatura boliviana (Cuadernos Hispanoamericanos) ... 691 5

A esquecida psicanálise (Commentary) A posição da psicanálise na ciência (Revista Brasileira de Psicanálise) ... 692 4

Cavaleiro em vestes femininas (Spectator) ... 693 5
Frank Martin (Publicação da Associação dos Músicos Suíços) ... 694 6
Uma liquidação sumária mas injusta de Mérimée (Spectator) ... 695 6
A história da História (Diálogo) ... 696 6
O limite do conceito (Opus internacional) ... 697 6

O romancista americano como entropologista (The London Magazine) ... 698 4

A família em crise (The Times Saturday Review) ... 699 6
Sabato e o homem unidimensional (Imagen) ... 700 6
Os duzentos anos de Ludwig von Beethoven ... 701 1
O que é a Sociedade Commentary ... 702 6

Z

ZANINI, Walter
Londres revisitada ... 658 6
Colóquio de Museus em Bruxelas ... 661 1
Mário de Andrade e sua coleção de arte ... 662 6
Daniel Buren e a "arte anônima" ... 665 6
De Rembrandt a Biederman ... 678 6
Exposição indivisual/conjunta ... 693 1

ZUCCOLOTTO, Afrânio
Notícias de São Paulo a Mário de Andrade (poema) ... 661 3
O homem e a técnica ... 685 4

ZANOTTO, Ilka Marinho de Andrade
Arrabal a interdição impossível ... 692 5

CMP 1.2.2.95-3

Índice dos autores

(continuação da página 6.)

G

GALVÃO, Antonio Lucio Santos
Ilustração para poesia de Thomas Campion ... 685 3

GALVÃO, Flávio
"Comentários à Lei de Imprensa" — Darcy Arruda Miranda (Res.Bibl.) ... 654 2
"Jornalismo — dicionário enciclopédico" — José Nabantino Ramos (Res.Bibl.) ... 687 2

GARCIA, Clóvis
A quadrienal de teatro ... 654 6

GIACOMELLI, Eloah F.
"Man and the Movies" — Editor Crítico: W.R.Robinson (Res.Bibl.) ... 657 2
"The Thirties: Fiction, Drama, Poetry" — Editor Crítico: Warren French (Res.Bibl.) ... 660 2
"Relations of Literary Study: Essays on Interdisciplinary Contributions" — Editor Crítico: James Thorpe. Colaboradores: Rosalie L. Colie, Northrop Frye, Leon Edel, Frederick C. Crews, Leo Lowenthal, J. Hillis Miller e Bertrand H. Bromson. (Res.Bibl). ... 663 2
A Saga Leatherstocking ... 665 1
"The Pulitzer Prize Novels" — William J. Stuckey (Res.Bibl.) ... 669 2
"Fiction of the Forties" — Chester E. Eisinger (Res.Bibl.) ... 670 2
Patriotismo, moralidade e literatura ... 674 4
Cristóvão nôvo-homem ... 676 3
"Perspectives in Contemporary Criticism" — Sheldon Norman Grebstein (Res.Bibl.) ... 677 2
"The nature of narrative" — Robert Scholes e Robert Kellog (Res. Bibl.) ... 679 2
O afro-americano como escritor ... 680 1
"The French New Novel" — John Sturrock (Res.Bibl.) ... 681 2
"Seven modern american novelists" — Louis Auchincloss, Mark Schorer, Charles E. Shain, William Van O'Connor Phillip Young, C. Hugh Holman e Stanley Edgard Hyman (Resenha Bibliográfica) ... 682 2
A arte mimética de Jane Austen ... 683 6
"The New Wave" — Peter Graham — (Res.Bibl.) ... 685 2
"Signs and meaning in the cinema" — Peter Wollen (Res. Bibl.) ... 688 2
A ficação de John Barth ... 691 1
"Art, Affluence and Alienation" — Roy McMullen (Res.Bibl.) ... 694 2
"The Fabulators" — Robert Schoeles — (Res.Bibl.) ... 695 2
"Suspense in the Cinema" — Gordon Gow (Res.Bibl.) ... 696 2
"Radical Sophistication: Studies in Contemporary Jewish American Novelists" — Max F. Schulz (Res.Bibl.) ... 699 2

GOES, Fernando
Depoimento (Edição especial sôbre Mário de Andrade) 662 3

GOES, Tereza
Ilustração para Prelúdios — Intensos para os desmemoriados do amor ... 680 3

GONÇALVES, Delmiro
Um poeta do Piauí ... 666 4
Jorge Andrade: perfil de um homem ... 686 5

GUZIK, Alberto
O Arquiteto, o Imperador e a Travessia dos Espelhos ... 692 5

GULLAR, Ferreira
Uma fotografia aérea ... 699 3

GUERRA, José Augusto
Gilberto Freyre, jornalista ... 656 3

H

HECKER FILHO, Paulo
Mário de Andrade ... 664 3
Êste outro mundo em que vivemos, os filmes ... 666 3
Uma volta a Freud I ... 668 6
Uma volta a Freud II ... 669 5
Uma volta a Freud III ... 670 6
Relendo o Eça ... 674 5
Os primeiros entre os últimos ... 677 5
Um narrador ... 680 4
Dalton Trevisan: processo aberto ... 689 4
A velhice vem aí ... 698 1
Bopp passado a limpo ... 699 3

HEGENBERG, Leonidas
"La investigacion cientifica" Mário Bunge (Res. Bibl.) ... 699 2
"Philosophy of logic" — Willard Van Orman Quine (Res. Bibl.). ... 700 2

HILST, Hilda
Prelúdios — intensos para os desmemoriados do amor ... 280 3
Ilustração para A e B incomensurável ... 697 3

HORTA, Nina de G.
Xantipa 70 ... 691 3

K

KURY, Adriano da Gama
"Gramática do Português Contemporâneo" — Celso Cunha (Res. Bibl.) ... 665 2

KRUSE, Olney
Ilustração para "Uma fotografia aérea" ... 699 3

L

LAGE, Alfredo
Hesse: a busca da sabedoria I ... 668 5
Hesse: Salvação e História II ... 669 4
A recusa de ser ... 682 6
O esquecimento do ser ... 685 6
Sartre ou a náusea do Ser ... 686 3
O descaso do ser ... 696 1

LAPA, José Roberto do Amaral
A pesquisa em História do Brasil ... 658 5
"Nova História e Novo Mundo" — Frederic Mauro — (Res. Bibl.) ... 680 2
"Campinas, seu berço e juventude" Celso Maria de Mello Pupo (Res. Bibl.) ... 683 2

LAURA, Ida
Para Lupe ... 663 3

LEITE, Aureliano
O famoso padre de Araçariguama ... 655 3

LEWIN, Willy
Letras e Artes que deixam de ser "belas" ... 655 1
Literatura para Infância ... 657 1
Em verdade, um romance com "mistério" ... 660 1
Às vêzes tudo pode começar com uma pulga ... 664 1
Poesia, crítica e humor em liberdade ... 668 1
Esse antigo e crescente orgulho ... 672 1
A volta de Hemingway ... 674 1
Literatura e vida literária ... 680 1
Iluminações do Oriente ... 682 1
Música e gente (também literária) ... 687 1
A intimidade ameaçada ... 692 1
Aberturas e envolvimentos ... 697 1
Êste pequeno mais privilegiado planêta ... 700 1

LINHARES, Temístocles
A comichão estruturalista ... 658 4
Críticos bissextos ... 660 4
O nôvo romance brasileiro I ... 663 3
O nôvo romance brasileiro II ... 664 5
O nôvo romance brasileiro III ... 665 6
O nôvo romance brasileiro IV ... 667 4
O nôvo romance brasileiro V ... 668 6
O nôvo romance brasileiro VI ... 669 4
O nôvo romance brasileiro VII ... 670 4
O nôvo romance brasileiro VIII ... 671 5
O nôvo romance brasileiro IX ... 672 5
O nôvo romance brasileiro X ... 673 4
O crítico que perdemos e o outro I ... 677 4
O crítico que perdemos e o outro II ... 678 5
Da biografia e alguns biográfos — 1 ... 680 3
Da biografia e alguns biógrafos — 2 ... 681 4
Da biografia e alguns biógrafos — 3 ... 682 4
Atualidade de Borges ... 684 4
Da biografia e alguns biógrafos — 4 ... 685 5
Ainda e sempre Machado de Assis ... 686 5
Situação do conto no Brasil — 1 ... 693 5
Situação do conto no Brasil — 2 ... 694 5
Situação do conto no Brasil — 3 ... 695 5
Situação do conto no Brasil — 4 ... 696 6
Situação do conto no Brasil — 5 ... 697 5
Situação do conto no Brasil — 6 ... 698 4
Situação do conto no Brasil — 7 ... 699 4
Situação do conto no Brasil — 8 ... 700 4

LINS, Ivan
Crise filosófica do Século atual ... 656 6
João Luís Alves e Edmundo Lins ... 673 3
Uma época polêmica ... 685 1
Uma trilogia metafísica ... 695 6
O manifesto republicano de 1870 ... 700 1

LISBOA, Henriqueta
Poemas de Cesare Pavese (tradução) ... 682 3

LOBO, José
A parábola do escolhido ... 659 3

LOCKETT, Landon J.
"The Syntax of Spoken Brazilian Portuguese" — Earl W. Thomas (Res. Bibl.) ... 668 2

LOPES, Fúlvia de Carvalho
De Dionísio a Baco ... 693 3
Da ensolarada Delos ao Palatino ... 695 6
A dívida de um galo a Asclépio ... 696 3
O mito e seu espaço psicológico ... 700 3
Do caos a consciência ... 702 4

LOPES, Octacílio de Carvalho
O centenário de Pethion de Vilar I ... 691 6
O centenário de Pethion de Vilar II ... 692 3

LOPES, Edward
De Asturias a Cortázar ... 663 1
Contextos míticos na literatura hispano-americana I ... 669 1
Contextos míticos na literatura hispano-americana II ... 670 1
Jorge Luís Borges: de espelhos e labirintos ... 684 1

LOPEZ, Telê Pôrto A.
Exemplificando a "Marginália" ... 662 5

LUCAS, Fábio
Aspectos extrínsecos da obra literária ... 654 3
Uma viagem em tôrno da estrutura ... 657 6
O romance brasileiro de 30 ... 659 1
Rubem Fonseca — o conto em questão ... 661 1
"A Filosofia Contemporânea em S. Paulo" — Luís Washington Vita (Res. Bibl.) ... 664 2
"Meio Século de Presença Literária" — Tristão de Athayde (Res. Bibl.) ... 666 2
"Ângulo e Horizonte" — Mário da Silva Brito (Res. Bibl.) ... 670 2
O modernismo mineiro ... 672 4
Um dia no Rio ... 675 6
Estruturalismo e crítica literária ... 678 1
Do estruturalismo à "Nova Crítica" ... 679 4
Poesia em crise? ... 683 1
Mistério e magia ... 686 1

M

MAGALDI, Sábato
A Flor da Pele ... 658 5

MAGALHÃES, Erasmo d'Almeida
"Os estudos de linguística românica na Europa e na América desde 1939 a 1960" — Manuel de Paiva Boleo (Res.Bibl.) ... 673 2
"O Folclore do Litoral Norte de São Paulo: Congadas" — Rossini Tavares de Lima, Alfredo João Rabaçal, Laura Della Monica, Américo Pellegrini Filho (Res. Bibl.) ... 690 2

MARANESI, Therezinha Tabet
Ilustração ("Êste pão que eu despedaço") ... 692 3

MARCHESE, Juracy Daisy
Poema ... 657 3
A Longa Espera ... 657 3

MARGUERITA
Ilustração (O Quadrimotor) ... 656 3
Ilustração (A Construção) ... 666 3

MARQUES, Ariel
A morte em Le Mans ... 654 3
Útil Paisagem ... 654 3
Radiografia da Urbe ... 672 3
Alguns indícios sôbre a localização do horizonte ... 672 3
São Luís: via Electra ... 677 3
O homem do teodolito ... 683 3

MARQUES, Gabriel
Carlos Gomes a Caminho da Glória ... 676 4

MARQUES, Igor
Ilustração (A morte em Le Mans) ... 654 3
Ilustração (Radiografia da Urbe) ... 672 3
Ilustração (O homem do teodolito) ... 683 3

MARQUES, Milton
Ilustração (Xantipa 70) ... 691 3

MARQUES, Oswaldino
Ângulo e Horizonte ... 656 1
De editôres e de poesia ... 659 2
Raymond S.Sayers, literólogo brasileiro ... 663 3
Pedra na Catedral ... 666 3
Dois Diálogos ... 669 3
Estrutura das ignorâncias altamente especializadas I ... 673 3
Estrutura das ignorâncias altamente especializadas II ... 674 1
Professôra de existência ... 678 3
Prolegômenos a tôda poética futura que queira apresentar-se como Ciência ... 682 1

MARTINS, Cyro
Perspectivas de Augusto Meyer — 1 ... 692 1
Perspectivas de Augusto Meyer — 2 ... 693 6
Perspectivas de Augusto Meyer — 3 ... 694 6
Perspectivas de Augusto Meyer — 4 ... 695 5

MARTINS, Heitor
Inquisição e Cristãos novos ... 657 1
Romance Brasileiro em 1970: Tenda dos Milagres ... 664 1
Ficção brasileira em 1970 — dois contistas ... 675 1
Fracasso e triunfo de Clarice Lispector ... 683 6
Flor de Sangue ... 696 1

MARTINS, José de Barros
Depoimento (Edição especial sôbre Mário de Andrade) ... 662 3

MARTINS, Luiz
Depoimento (Edição especial sôbre Mário de Andrade) ... 662 3
Auto-retrato ... 668 3

MARTINS, Wilson
Velho Tema ... 655 4
A indestrutível quimera ... 656 4
Um documento intelectual ... 657 4
Retratos na parede ... 659 4
Era de dicionários ... 660 4
Gênio e Talento ... 661 4
Realismo, Realismos ... 663 4
Um Clássico do Modernismo ... 664 4
Gregório, o Pitorêsco ... 665 4
Mate para viver ... 666 4
Dario Vellozo ... 667 4
A comédia bahiana ... 668 4
Graça Aranha ... 670 4
O pensamento nostálgico ... 671 4
O exilado interior ... 673 4
Prolongar, renovar ... 674 4
Israel, Oh Israel! ... 676 4
A condição humana ... 677 4
Um crítico menor ... 678 4
Historiografia e História ... 679 4
No mundo dos colofões ... 680 4
O feriado do crítico ... 681 4
O passado útil ... 682 4
Sinclinais ... 683 4
Teocratas e Tecnocratas ... 684 4
Poesia de consumo ... 685 4
Universo de símbolos ... 686 4
Lições de realpolítica-I ... 687 4
Lições de realpolítica-II ... 688 4
Um documento de 1922 ... 690 4
Assunto encerrado ... 691 4
O sol do Ocidente ... 692 4
A maravilhosa Cristina ... 702 4
Vozes de Pernambuco ... 693 4
Um galicismo cultural ... 695 4
Encontros e desencontros ... 696 4
Desleituras ... 697 4
O estético e o social ... 699 4
A liderança política ... 700 4
A corrida contra Relógio ... 702 4

MATOS, José Carlos Meira
Da decepção de se achar (poema) ... 668 3

MATOS, Odilon Nogueira de
Beethoven, homem de seu tempo ... 701 2

MELLO JR. Donato
O Guarani, mecenado imperial ... 667 5

MELO, Virginia da Gama e Garganta do Esqueleto ... 670 3

MENDES, Gilberto
"Música nova bohemica et slovaca" ... 679 6

MENDONÇA, Aniceta de
O silêncio da poesia ... 680 6

MENDONÇA, Fernando
Nova História da Literatura Portuguêsa ... 656 1
A poesia de Fernando Namora ... 667 3
"Presença da Literatura Portuguesa IV Simbolismo" A Soares Amora (Res. Bibl.) ... 690 1
O direito e o avêsso do mundo ... 678 1
A morte com música ligeira ... 690 1
Terra do Mar Grande" — Carlos D'Alge (Res. Bibl) ... 691 2

MENEZES, Salomão Ferreira de
As mãos (poema) ... 670 3

MESQUITA, Alfredo
Depoimento (Edição especial sôbre Mário de Andrade ... 662 3
Manhãs de Sol (Na Piscina
A Borboleta Negra
O Biscoito e
A Chácara Revisitada) ... 675 4 e 5

MESQUITA FILHO, Julio de
Itinerário de um lutador (In "A Europa que eu vi") ... 679 1
Descrição de Paris (In "A Europa que eu vi") ... 679 1
Índios, Jesuítas e Bandeirantes (In "Ensaios Sul Americanos") ... 679 3

MIRANDA, Edgard da Rocha
Plumas de faisão ... 681 6

MOISÉS, Massaud
Clarice Lispector: ficção e cosmovisão ... 689 1
Clarice Lispector: ficção e cosmovisão ... 690 4

MONTEIRO, Adolfo Casais
Em memória de José Régio ... 702 5

MONTEIRO, Ezio Pinto
Aproveitamento da Paisagem ... 693 1
Reconhecimento e Amor ... 699 4

MOREIRA S.J., Pe. Aldemar
"A experiência da Salvação" — Beatriz Muniz de Souza (Res. Bibl.) ... 658 2

MOTTA, Cunha
São Paulo de outros tempos ... 655 3

MOURÃO, Rui
A instauração de uma vanguarda brasileira I ... 658 1
A instauração de uma vanguarda brasileira II ... 659 4
Decifração do código ... 686 6

N

NAMORA, Fernando
Celebridade e casamento ... 654 3
Um ato poetico ... 655 3
As formigas ... 656 3
O livro será uma mercadoria? ... 664 3
O provotariado 1 ... 675 1
O provotariado 2 ... 676 2
O provotariado 3 ... 677 3
O provotariado 4 ... 678 3
O provotariado 5 ... 679 5
O provotariado 6 ... 680 5
O provotariado 7 ... 681 5
O provotariado 8 ... 682 5
O provotariado 9 ... 683 3
O provotariado 10 ... 684 5
O provotariado 11 ... 685 3
O provotariao 12 ... 687 3
O provotariado 13 ... 689 3

NEJAR, Carlos
Lisura VII (poesia) ... 693 3

NEME, Mário
Ibiraiaras x Bilreiros ... 697 1
Ibiraiaras x Bilreiros ... 702 2

NEVES, João Alves das
"A voz do silêncio" — Helena Blavatsky (Res. Bibl.) ... 658 2
"Estudos sôbre Fernando Pessoa" — Cleônice Berardinelli e Diana Bernardes (Res. Bibl.) ... 660 2
"Marketing" — Fernando Namora (Res. Bibl.) ... 663 2
"Fernando Pessoa" Alfredo Pradelino da Rosa, Teresa Amado, Maria Vitalina Leal de Matos, Georg Rudolf Lind (Res. Bibl.) ... 667 2
Poemas de Senghor em português ... 673 6
Antologia Escolar Portuguêsa ... 675 2
O ceramista Jorge Barradas ... 676 4
Poeta d'Orpheu/ Futurista/ e/ tudo ... 683 5
Elementos para uma bibliografia ... 689 6
Nobrega (IHG de SP) Res. Bibl. ... 698 2
Cadernos do centenário de o Primeiro de Janeiro (Res. Bibl.) ... 702 2

NEVES, José Maria da Silva
Ricardo Severo ... 657 4

NOLL, João Gilberto
Area de Sangue (conto) ... 680 3

NUNES, Benedito
A margem de uma lembrança ... 702 3

NUNES, Ruy
Rogério Bacon e os obstáculos à Sabedoria ... 656 5
Rogério Bacon e o Direito Romano ... 657 5
Ricardo de Bury e os livros ... 659 6
Ricardo de Bury e a situação das escolas ... 660 6
A decadência da Universidade de Paris ... 661 6
A decadência dos estudos ... 664 4
De Cassiodoro a Ockham ... 666 6
Os Cavaleiros maléficos do Apocalipse ... 667 6
Ciência e Magia ... 669 6
O averoísmo e o mito das "duas verdades" ... 670 6
O Ockhamismo na Universidade de Paris ... 672 4
A Galaxia de Gutenberg ... 676 6
A dimensão histórica do pensamento ... 677 1
A reação contra Aristóteles ... 671 4
A virtude da eutrapélia ... 681 6
A educação feminina nas origens do monacato ... 684 6
Instrução dos leigos na Idade Média ... 685 6
Hildegarda e suas irmãs ... 686 6
A erudição de Heloísa ... 688 4
Abelardo e os estudos das monjas do Paracleto ... 689 5
A dramaturga Rosvita ... 693 5
Dubois e a educação feminina ... 697 4
A profetiza da Germania ... 698 3

O

O'BRIEN, M.Patricia
Campo e cidade em "José", de Drummond ... 657 6

OLIVEIRA, Eduardo de Oliveira e
Black Theatre ... 680 6

OLIVEIRA, J. Lourenço de
Poesia e Henriqueta 1 ... 677 5
Poesia e Henriqueta 2 ... 678 5
Poesia e Henriqueta 3 ... 679 4

OLIVEIRA, José da Veiga
"Elementos da Linguagem Musical" — Bruno Keifer (Res.Bibl.) ... 657 2
Agonia de um réquiem ... 659 5
"Brahms" — José Bruyr (Res.Bibl.) ... 660 2
"La musica en Villa Rica (M.Gerais, Siglo XVIII"— Francisco Curt Lange (Res.Bibl.) ... 661 2
Fritz Jank, o mestre da música ... 665 4
Problemática da crítica musical ... 668 5
Arte do tempo inefável ... 677 5
"O Mundo da Orquestra Sinfônica" — Henry Swoboda (Res.Bibl.) ... 678 5
Um advogado para Joseph Haydn ... 680 5
Arte de sôbria e profunda intimidade ... 683 4
Beethoven 70 ... 689 4
Música e glória: a IX Sinfonia ... 693 4
Música e glória: a IX Sinfonia ... 695 4
"História e significado das formas musicais do moteto gótico à Fuga do século XX" — Bruno Kiefer (Res.Bibl.) ... 697 2
"War Requien" no Brasil ... 700 5
Tôda a grandeza de uma hora, nesses discos ... 701 4
"História e Significação das Formas Musicais do Moteto Gótico à Fuga do Século XX"—

OLIVEIRA, Willy Corrêa de
Jorge Peixinho pensa a música de hoje ... 671 6

P

PACHECO, João
A crítica ... 662 5

PALLOTINI, Renata
Manizales: um festival de teatro ... 657 5
Algumas fantasias sôbre a morte ... 673 3

PELLESTRINI, Luciana
Planejamento arqueológico Paranapanema ... 693 4

PENTEADO, Eurico
Machado de Assis, tradutor ... 700 3

PERRONE — MOISES, Leyla
O jovem romance francês ... 654 1
O vôo dos significantes ... 666 1
A floração das revistas ... 671 1
Roland Barthes, o infiel ... 685 1
"Não deixarei memórias" ... 698 6

PICCHIA, Menotti Del
Noturno ... 697 2

PIMENTEL, Osmar
Espaço e tempo em literatura ... 658 4
O polígrafo e a andorinha ... 662 3
De livros, da vida ... 672 3
Emily Dickinson (tradução e notas) ... 686 3

PINSKY, Jaime
"Entre a foice e o martelo" — Ari Benami (Res.Bibl) ... 671 2
"O judeu não-judeu e outros ensaios" — Isaac Deutscher (Res.Bibl.) ... 676 2

PIZA, Clélia
Romance com 3 prefácios ... 699 2

(continua na pág. 4)

suplemento literário

Índice dos autores

(Publicados neste Suplemento, do nº 654 a 702, de janeiro a dezembro de 1970).

A

ABREU, Caio Fernando
— Réquiem para um fugitivo ... 668 3

AFFONSO, Ruy
O Almada ... 683 5
Presépio ... 702 3

ALMEIDA, Leyla Filinto Pinto Pinto de
Este pão que eu despedaço (tradução) ... 692 3

ALMEIDA, B. Pires de
Relembrando Quinzinho Corrêa ... 678 4

ALMEIDA, Paulo Mendes de
Depoimento (Edição especial sôbre Mário de Andrade) ... 662 3

ALMEIDA PRADO, J. F. de
Julinho ... 679 3

AMADO, Jorge
Depoimento (Edição especial sôbre Mário de Andrade) ... 662 3

AMARAL, Aracy
— Stomp ... 663 6
— Vicente do Rêgo Monteiro ... 674 6
Antes da Semana: o neocolonial ... 690 3
De Rollo a Ximenez e Brecheret ... 695 1

ANDRADE, Ione de
— A linguagem muda das côres em Proust ... 668 1

ARAUJO, Lais Correa
— Garcia Marquez e a verdade ficcional ... 659 1

ARAUJO, Maria Lysia Côrrea de
Con-fabulação ... 689 3

ARCHANJO, Neyde
Poema ... 700 3

ARROYO, Leonardo
Temas da cozinha brasileira I ... 659 1
Temas da cozinha brasileira II ... 660 5
Temas da cozinha brasileiraIII ... 661 5

ASTURIAS, Miguel Angel
Gertrude Stein, escritora do reino musical ... 667 1

ATAIDE, Vicente
"Guia Prático da Análise Literária" — Massaud Moisés (Res. Bibl.) ... 671 2

ATHAYDE, Austregésilo
A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas ... 675 1

B

BAHIA, Juarez
As origens e o espírito do jornalismo ... 669 5
Viver na cidade como viver em casa ... 688 3

BALOGH, Ana Maria
"Luvina", encontro com Rulfo ... 676 1

BARATA, Mário
Teoria da História ... 664 3
Decisões para a Revolução de 1930 ... 697 3

BARBOSA, Rolmes
"Vida e morte de um capitão-mor" — Carlota de Queiroz — (Res. Bibl.) ... 668 2
Lembrança do companheiro ... 669 4
Diálogo com Jorge Luis Borges ... 684 4

BAUDET, Jany
O olhar em "Huis Clos" ... 675 6

BECHERUCCI, Bruna
As coisas ... 656 2
"O Decameron" — Giovanni Boccaccio (Res. Bibl.) ... 674 2
"Os Buddenbrooks" — Thomas Mann (Res. Bibl.) ... 693 2

BELL, Elke Hering
Ilustração (Ode a Timbó Revisitada) ... 678 3

BELL, Lindolf
Ode a Timbó revisitada ... 678 3

BENATTI, Luis Roberto
"A pantera" e "Momento" ... 687 3

BENTHAL, Jonathan
Arte Simbiótica ... 673 5

BERALDO, C.
"Enciclopedia Filosófica" — Centro di Studi Filosofici di Gallarte — G. C. Sansoni Editore (Res. Bibl.) ... 665 2

BERRETINI, Célia
De uma interpretação sartriana ... 660 1
O assunto é: "Numância" ... 694 6
Obaldia, "Um Ionesco de salão" ... 697 1
"Cinquent ans de Theâtre". Paul Surer (Res. Bibl.) ... 692 2
Lautréamont: O Mal e o bem ... 698 6
Rousseau e a arte dramática ... 702 6

BESOUCHET, Lidia
Pelos caminhos da Espanha ... 655 1
O Satyricon de Fellini ... 663 6
A trágica e grotesca "Operette" ... 669 6
O Cairo — o fundo e a forma ... 672 6
À margem da exposição de Matisse ... 687 1
Pontes de Pedra ... 692 1

BIDERMAN, Sol
Carlos Magno e a Lua na Literatura de Cordel ... 670 5

BOPP, Raul
Depoimento (Edição especial sôbre Mário de Andrade) ... 662 3

BORGES, Jorge Luis
— Antologia de Borges ("La Trama", "Borges e Yo", "Martin Fierro", "Limites", "El Cautivo", "Arte Poética", "Ajedrez", "Argumentum Ornithologicum") ... 684 3

BORNHEIM, Gerd A.
Filosofia e Poesia ... 656 6
Sentido e Criatividade ... 686 4

BOSI, Ecléa
O Sábado da Aldeia (poema de Giacomo Leopardi) ... 674 3

BOTELHO, Pero de
Dianóia, 7 ... 660 3

BRITO, Mário da Silva
Diário Intemporal I ... 657 3
Diário Intemporal II ... 658 3
Evocação de Mário de Andrade ... 662 2
Evocação de Mário de Andrade ... 665 5
Dois romancistas ... 671 5
Teia de Aranha I ... 674 3
Teia de Aranha II ... 675 3
Teia de Aranha III ... 676 5
Teia de Aranha IV ... 677 3
Teia de Aranha — V ... 681 3
Teia de Aranha — VI ... 682 3
Teia de Aranha—VII ... 685 3
Teia de Aranha—VIII ... 686 3
O aluno de romance Oswald de Andrade — 1 ... 691 1
O aluno de romance Oswald de Andrade — 2 ... 692 6
O aluno de romance Oswald de Andrade — 3 ... 693 6
Eixo: Oswald de Andrade ... 696 3

BRUIT, Héctor H.
Desenvolvimento e crescimento ... 689 4

BRUNO, Haroldo
Garcia Marquez ou o triunfo da imaginação ... 672 6
Unamuno (da hispanidade radical) ... 698 1

C

CABRAL, Antônio Carlos
Praxis, e estruturalismo linguístico ... 671 5

CALAFATE, João
"Realidade e idealidade na lírica de Sá Carneiro" Dieter Woll (Res. Bibl.) ... 657 2

CALDEIRA FILHO, Jr.
A música ... 662 5
Na Sonata, encontrou sua maior expressão ... 701 3

CÂMARA, Leônidas
Os Cavaleiros de Júpiter ... 661 5

CAMPOS, Haroldo de
Sousândrade: formas em morfose ... 655 5
Poemas de Hoelderlin (tradução e nota) ... 694 3

CANIZAL, Eduardo Peñuela
De Asturias a Cortázar ... 663 1
Contextos míticos na literatura hispano-americana I ... 669 1
Contextos míticos na literatura hispano-americana II ... 670 1
Jorge Luis Borges: de espelhos e labirintos ... 684 1
Abordagens semiológicas do discurso cinematográfico—1 ... 691 6
Abordagens semiológicas do discurso cinematográfico—2 ... 693 3
Abordagens semiológicas do discurso cinematográfico—3 ... 695 3
Abordagens semiológicas do discurso cinematográfico—4 ... 697 5
Abordagens semiológicas do discurso cinematográfico—5 ... 699 6

CARNEIRO, Caio Porfírio
A volta ... 654 3
A viga ... 687 3

CARNEIRO, Dulce
Poema ... 669 3
ersatz de haikai para um natal horizonte ... 702 3

CARONI, Italo
O alienista ... 687 5
O alienista ... 688 5

CARRATO, José Ferreira
O caso da irmã Germana ... 695 3

CARVALHO, Flávio
Depoimento (Edição especial sôbre Mário de Andrade) ... 662 3

CARVALHO, Joaquim Barradas de
Portugal, a Europa e o Atlântico, na historiografia contemporânea ... 673 6
Portugal, a Europa e o Atlântico, na historiografia contemporânea ... 674 3

CARVALHO, Joaquim de Montezuma
Berta Singerman ou a poesia declamada ... 654 5
Mahatama Gandhi ... 659 2
Antônio Machado em Collioure ... 661 3
Medéia através dos tempos ... 663 4
Henrique Garcés, tradutor de Camões ... 667 5
Unamuno ou Giovanni Papini ... 670 3
Tolstoi e Unamuno ... 672 5
O novelista peruano José Maria Arquedas ... 677 6
No bicentenário de Beethoven ... 678 6
A Irlanda do Norte atual e Eça de Queiroz ... 681 5
De nôvo Svetlana Stalin ... 682 5
No centenário de Gustavo Adolfo Becquer ... 687 6
No centenário de Gustafo Adolfo Becquer ... 688 5
No centenário de Gustavo Adolfo Becquer ... 689 5
Cronista cordial ... 690 5

CASTELLO, José Aderaldo
O "Acervo Mário de Andrade" e o IEB ... 662 1

CASTILHO, Ataliba
"A Linguistic Study of the English Verb" — F.R.Palmer (Res.Bibl.) ... 655 2
"A vida e a fala dos Devanceiros" — Editor: Xesús Ferro Couselo (Res.Bibl.) ... 660 2

CASTRO, Jeanne Berrance de
O cidadão soldado na Comédia de Martins Pena ... 673 5

CHACON, Vamireh
Catolicismo e estética ... 666 6
1870/1970: A Tragédia Alemã ... 679 5

CHAMIE, Mário
O dia certo de um autor ... 699 5

CHRISTOFOLETTI, Antonio
"Regional Geography of the World" — Jesse H.Wheeler Jr. e J. Trentoni (Res.Bibl.) ... 658 2
"Progress in Geography" — Christopher Board, Richard J. Chorley, Peter Haggett, David Stoddart. (Res.Bibl.) ... 669 2
"O Japão" — Max Derruau (Res.Bibl.) ... 682 2
"Introdução à Geografia da População" — Wilbur Zelinski (Res.Bibl.) ... 685 2
"A colonização alemã e o Rio Grande do Sul" — Jean Roche (Res.Bibl.) ... 680 2
"Geografia vali Dunării Românesti", Vintilâ Mihâilescu (Res.Bibl.) ... 691 2
"Geografia Humana nos Estados Unidos" — organizada Por Saul B.Cohen (Res.Bibl) ... 693 2
"Les régions des Etats Unis" — Jaqueline Beaujeau—Garnier (Res.Bibl.) ... 695 2
"Geografia da U.R.S.S." — Piere George (Res. Bibl.) ... 700 2

COELHO, Nelly Novaes
"O mundo à minha procura" — Rubem A. (pseud. de Rubem Andersen Leitão) — (Res.Bibl.) ... 654 2
Bolor: o romance recusa ... 658 1
Bolor: o romance recusa ... 659 2
Bolor: o romance recusa ... 660 5
"História da Literatura Infantil" — Nazira Salem (Res.Bibl.) ... 671 2
"Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa" — Jacinto do Prado Coelho (Res.Bibl.) ... 672 2
"ABC da Literatura" — Ezra Pound. (Res.Bibl.) ... 674 2
"Os Cavaleiros de Júpiter" — César Leal (Res. Bibl.) ... 677 2
"O escritor e sua Sombra" — Gaetan Picon (Res.Bibl.) ... 678 2
"Apocalípticos e integrados" — Umberto Eco— (Res.Bibl.) ... 680 2
"Vanguarda e Subdesenvolvimento" — Ferreira Gullar (Res.Bibl.) ... 681 2
O gesto épico da Poesia ... 682 6
"Curso de Linguística Geral" — Ferdinand de Saussure (Res.Bibl) ... 685 2
Antes do Baile Verde ... 688 1
"Teoria da Forma Literária" — Kenneth Burke (Res. Bibl). ... 689 2
"História da Literatura Portuguêsa", António José Saraiva (Res.Bibl.) ... 690 2
"Universo e Vocabulário do Grande Sertão". Ney Leandro de Castro (Res. Bibl.) ... 692 2
"Psicologia e Pedagogia" — Jean Piaget (Res.Bibl.) ... 697 2
"Cassiano Ricardo — O Prosador e o Poeta" — Nereu Corrêa (Res.Bibl.) ... 700 2

COHN, Gabriel
"Florestan Fernandes" — Barbara Freitag (Res.Bibl.) ... 687 2

CONRADO, Aldomar
Um enfoque de hoje ... 666 5

CRUZ, Liberto
"La jeunesse de Machado de Assis" ... 663 5

CUNHA, Maria Helena Ribeiro da
O cronista Rubem Braga ... 699 5

CUNHA, Pedro Octavio Carneiro da
Bernanos ... 687 4

D

DAMANTE, Hélio
O homem religioso ... 662 4
Mário de Andrade e Rodrigues de Abreu ... 671 6
Folclore de "O Guarani" ... 691 5
"O Guarani" e o Carnaval ... 692 5

DANTAS, Macedo
Estudos: depoimento do leitor ... 654 5
Quando a boiada estoura ... 661 4
O gramático ... 662 4
O gramático ... 663 2
Capistrano sem retoques ... 671 4
Saga da "Fôlha de Ouro" ... 674 4
Presença do lidador ... 679 6
Poesia do cotidiano ... 681 4
Mestre de brasilidade ... 683 1
Literatura de hum cruzeiro ... 688 4

DANTAS, Nataniel
"A Hora dos Ruminantes" — José J. Veiga (Res.Bibl.) ... 658 2
"Fábula e contrafábula' — Henrique Pongetti (Res. Bibl.) ... 659 2
"Floradas na Serra" — Dinah Silveira de Queiroz (Res. Bibl.) ... 666 2
"Retratos de Família" — Francisco de Assis Barbosa (Res.Bibl.) ... 678 2
"Sangue no Sol" — Elisa Lispector (Res.Bibl.) ... 686 2
"A imaginária" — Adalgisa Nery (Res.Bibl.) ... 688 2
"Aspirações Nacionais" — José Honório Rodrigues(Res.Bibl.) ... 697 2

DEL PICCHIA, Menotti
Depoimento (Edição especial sôbre Mário de Andrade) ... 662 3

D'ELIA, Antônio
Os roteiros do café ... 660 5

D' HORTA, Luiz
Ostendaise ... 660 5

DIMAS, Antônio
"A arte no Horizonte do Provável" — Haroldo de Campos (Res.Bibl.). ... 672 2

DOMINGUES, Rui Otávio
Lições de angústia ... 687 5

DORMIEN, Ingrid
Bechett, o clown trágico ... 676 5

DUPRAT, Regis
Músicos de São Paulo no século XVIII ... 685 5
Credo in Atibaia et Nazareth ... 697 6

E

ELIA, Silvio
Os Estudos Linguísticos na América Latina I ... 654 4
Os Estudos Linguísticos na América Latina II ... 655 4
Os Estudos Linguísticos na América Latina III ... 656 4
Um brasileiro na realidade portuguêsa ... 672 1
A linguística na URSS ... 672 4
De Bopp a Chomsky ... 681 1
Ainda a linguística no Brasil ... 693 1

F

FARIA, Octávio de
Depoimento (Edição especial sôbre Mário de Andrade) ... 662 3

FEBROT, Luiz Israel
Visão do Mundo de Arthur Miller ... 695 5
A visão do mundo de Arthur Miller: "O Preço" ... 696 4
O realismo de A. Miller — "O Preço" ... 698 5

FERRARA, José Armando
Medéia ... 666 5

FERRAZ, Aydano do Couto
Os pássaros brasileiros na poesia de Castro Alves ... 683 14

FERRAZ, Geraldo
Retrospecto da X Bienal ... 654 6
Um ceramista em disponibilidade ... 660 3
Brasil na XXXV Bienal de Veneza ... 692 6
Europa — 70 em cinco exposições e o fogo cruzado contra a arte ... 702 1

FERREIRA, Fernando Pessoa
Diário de bordo da fragata Dorrit Harazin ... 657 3
Quando a verdade sofre um acidente ... 660 3

FERREIRA, Jerusa Pires
Martim Cererê e seus mitos ... 671 3
Cassiano Ricardo e a gesta bandeirante ... 686 1
"Martim Cererê", poema épico-lírico ... 699 1

FERREIRA, Jurandir
O mosaico ... 676 3

FERREIRA, Tito Livio
Vieira e os futurólogos ... 660 2
Da Lusitânia, província de Roma, ao Reino de Portugal ... 668 5
Portuguêses e italianos na epopéia dos descobrimentos ... 682 5
A Ordem de Cristo sucessora da Ordem dos Templários ... 684 5

FERREZ, Gilberto
O Brasil do primeiro Reinado ... 669 5

FLUSSER, Vilém
Dos centros de decisão na década de 70) ... 658 1
Projetos Superpostos ... 666 5
Do "Laser" (uma fantasia filosófica) ... 669 3
Da Crise na Educação ... 675 3
Sôbre a ponte de Avignon ... 680 4
Do supérfluo ... 687 4
Tapetes ... 692 4
O mundo-palco ... 697 6
Do Viajar ... 698 4

FRANCISCO, Joaquim
Manuel Bandeira e a história dos "Gosmilhos" ... 695 1

FREDERICO, Celso
"Estrutura Social e Dinâmica Psicológica" — Ruy Galvão de Andrada Coelho (Res.Bibl.) ... 661 2
"La Sociedad, Lecciones de Sociologia" — Theodor W. Adorno e Max Horkheimer (Res.Bibl.) ... 667 2
"Ensaios de Sociologia do Desenvolvimento" — Luiz Pereira (Res.Bibl.) ... 675 2
"Urbanização e **Subdesenvolvimento**" (antologia organizada e apresentada por Luiz Pereira reunindo textos de Cepal, Andrew Gunder Frank, Gino Germani, Jorge Graciarena e do **próprio Luiz Ferreira) (Res. Bibl.) ... 679 2**
"La Societé Post-Industrielle" — Alen Touraine (Res.Bibl.) ... 688 2
"Rebeldes Primitivos" — Eric J. Hobsbawn (Res.Bibl.) ... 694 2

FUENTES, José Luis Mora
A e B incomensurável ... 697 3

(continua na pág. 5)